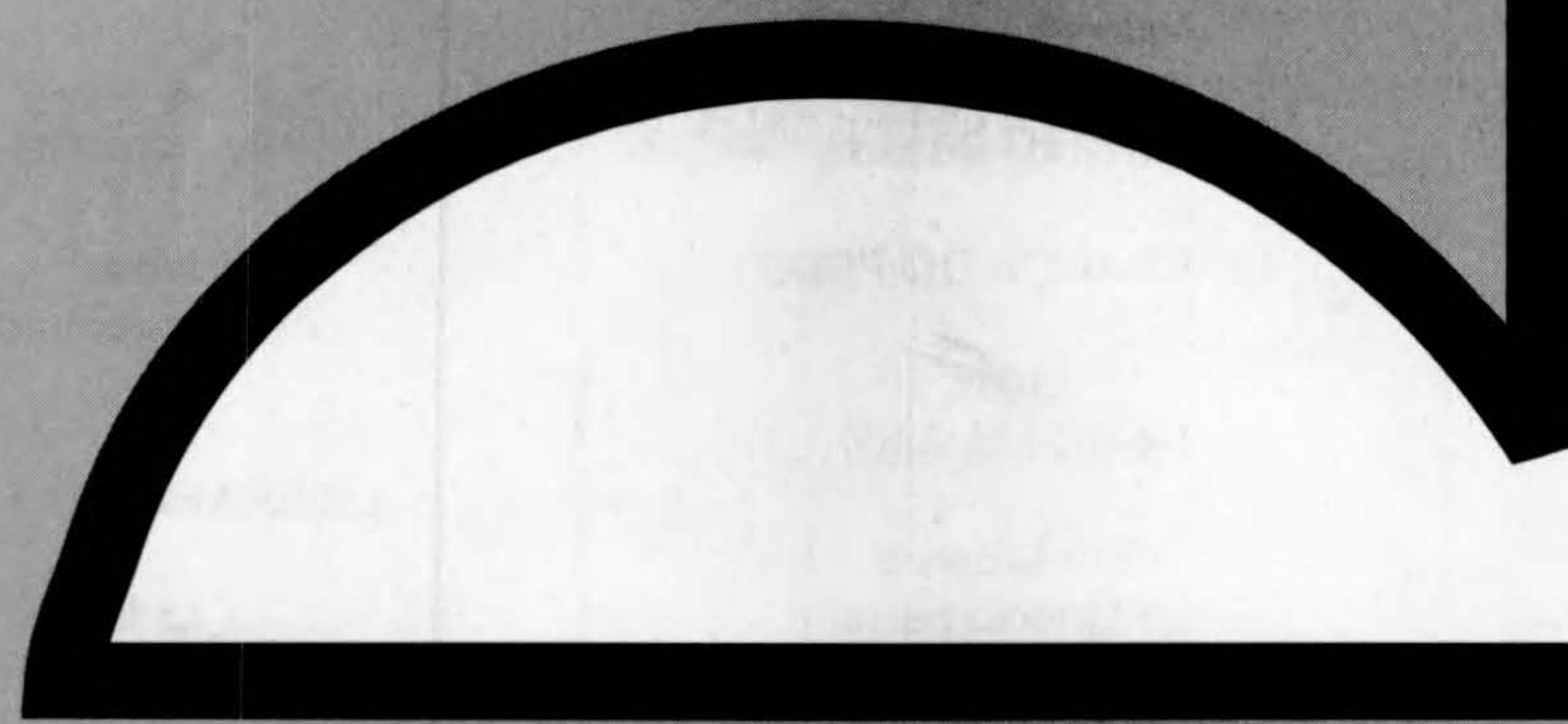


EXEMPLAR ÚNICO



República Federativa do Brasil

EXEMPLAR ÚNICO



# DIÁRIO DO SENADO FEDERAL

EXEMPLAR ÚNICO

<p><b>MESA</b> <b>Presidente</b> Antonio Carlos Magalhães – PFL – BA</p> <p><b>1º Vice-Presidente</b> Geraldo Melo – PSDB – RN</p> <p><b>2º Vice-Presidente</b> Júnia Marise – Bloco – MG</p> <p><b>1º Secretário</b> Ronaldo Cunha Lima – PMDB – PB</p> <p><b>2º Secretário</b> Carlos Patrocínio – PFL – TO</p> <p><b>3º Secretário</b> Flaviano Melo – PMDB – AC</p> <p><b>4º Secretário</b> Lucídio Porteila – PPB – PI</p> <p><b>Suplentes de Secretário</b></p> <p>1ª – Emilia Fernandes – PTB – RS 2ª – Lúdio Coelho – PSDB – MS 3ª – Joel de Hollanda – PFL – PE 4ª – Marluce Pinto – PMDB – RR</p> <p><b>CORREGEDORIA PARLAMENTAR</b> <b>Corregedor</b> (Eleito em 16-3-95) Romeu Tuma – PFL – SP</p> <p><b>Corregedores – Substitutos</b> (Eleitos em 16-3-95) 1º Senador Ramez Tebet – PMDB – MS 2º Senador Joel de Hollanda – PFL – PE 3º Senador Lúcio Alcântara – PSDB – CE</p> <p><b>PROCURADORIA PARLAMENTAR</b> (Designação: 16 e 23-11-95) Nabor Júnior – PMDB – AC Waldeck Ornelas – PFL – BA Emilia Fernandes – PTB – RS José Ignácio Ferreira – PSDB – ES Lauro Campos – Bloco – DF</p>	<p><b>LIDERANÇA DO GOVERNO</b></p> <p><b>Líder</b> Elcio Alvares – PFL – ES</p> <p><b>Vice-Líderes</b> José Roberto Arruda – PSDB – DF Vilson Kleinübing – PFL – SC Ramez Tebet – PMDB – MS</p> <p><b>LIDERANÇA DO PFL</b></p> <p><b>Líder</b> Hugo Napoleão</p> <p><b>Vice-Líderes</b> Edison Lobão Francelino Pereira Joel de Holanda Romero Jucá</p> <p><b>LIDERANÇA DO PMDB</b></p> <p><b>Líder</b> Jáder Barbalho</p> <p><b>Vice-Líderes</b></p> <p>Nabor Júnior Gerson Camata Carlos Bezerra Ney Suassuna Gilvam Borges Fernando Bezerra</p> <p><b>LIDERANÇA DO PSDB</b></p> <p><b>Líder</b> Sérgio Machado</p> <p><b>Vice-Líderes</b> José Ignácio Ferreira Lúdio Coelho</p>	<p><b>LIDERANÇA DO PPB</b></p> <p><b>Líder</b> Epitacio Cafeteira</p> <p><b>LIDERANÇA DO PT</b></p> <p><b>Líder</b> José Eduardo Dutra</p> <p><b>Vice-Líder</b> Benedita da Silva</p> <p><b>LIDERANÇA DO PTB</b></p> <p><b>Líder</b> Valmir Campelo</p> <p><b>LIDERANÇA DO PDT</b></p> <p><b>Líder</b> Sebastião Rocha</p> <p><b>LIDERANÇA DO PSB</b></p> <p><b>Líder</b> Ademir Andrade</p> <p><b>LIDERANÇA DO PPS</b></p> <p><b>Líder</b> Roberto Freire</p>
--	---	--

<p>AGACIEL DA SILVA MAIA Diretor-Geral do Senado Federal</p> <p>CLAUDIONOR MOURA NUNES Diretor Executivo do Cegraf</p> <p>JÚLIO WERNER PEDROSA Diretor Industrial do Cegraf</p>	<p><b>EXPEDIENTE</b></p> <p>RAIMUNDO CARREIRO SILVA Secretário-Geral da Mesa do Senado Federal</p> <p>MANOEL MENDES ROCHA Diretor da Subsecretaria de Ata</p> <p>DENISE ORTEGA DE BAERE Diretora da Subsecretaria de Taquigrafia</p>	<p><b>DIÁRIO DO SENADO FEDERAL</b></p> <p>Impresso sob a responsabilidade da Presidência do Senado Federal (Art. 48, nº 31 RISF)</p>
---	--	--

# SENADO FEDERAL

## SUMÁRIO

### 1 – ATA DA 2ª SESSÃO ESPECIAL, EM 19 DE FEVEREIRO DE 1997

#### 1.1 – ABERTURA

#### 1.2 – EXPEDIENTE

##### 1.2.1 – Finalidade da Sessão

Destinada a reverenciar a memória do Senador Darcy Ribeiro.....

04088

##### 1.2.2 – Oradores:

Senador Hugo Napoleão .....

04088

Senador Coutinho Jorge .....

04089

Senador Lúcio Alcântara .....

04093

Senador Jefferson Péres .....

04095

Senador Humberto Lucena.....

04096

Senador José Eduardo Dutra .....

04097

Senador Romeu Tuma .....

04099

Senador Valmir Campelo.....

04100

Senador Ramez Tebet.....

04101

Senador Lauro Campos .....

04101

Senador Ademir Andrade .....

04103

Senador Jader Barbalho.....

04105

Senador Roberto Freire .....

04106

Senador José Ignácio Ferreira .....

04106

Senador Carlos Wilson .....

04107

Senador Eduardo Suplicy .....

04108

Senador Leomar Quintanilha.....

04110

Senador Gilvam Borges..... 04110

Senador Ney Suassuna..... 04111

Senador Mauro Miranda .. 04112

Senador Sérgio Machado .. 04113

##### 1.2.3 – Fala da Presidência

##### 1.2.4 – Designação da Ordem do Dia da próxima sessão

##### 1.3 – ENCERRAMENTO

### 2 – ATO DO PRESIDENTE

Nº 17, de 1997..... 04116

### 3 – ATOS DO DIRETOR-GERAL

Nºs 118 a 127, de 1997..... 04116

### 4 – ATO DO DIRETOR DA SECRETARIA ADMINISTRATIVA

Nº 1, de 1997..... 04118

### 5 – MESA DIRETORA

### 6 – CORREGEDORIA PARLAMENTAR

### 7 – PROCURADORIA PARLAMENTAR

### 8 – LÍDERES E VICE-LÍDERES DE PAR- TIDOS

### 9 – CONSELHO DE ÉTICA E DECORO PARLAMENTAR

### 10 – COMPOSIÇÃO DAS COMISSÕES PERMANENTES

### 11 – COMISSÃO PARLAMENTAR CON- JUNTA DO MERCOSUL (SEÇÃO BRASILEIRA)

## Ata da 2ª Sessão Especial em 19 de fevereiro de 1997

**3ª Sessão Legislativa Ordinária, da 50ª Legislatura**  
*Presidência dos Srs.: Antonio Carlos Magalhães e Lucídio Portella*  
*(Inicia-se a sessão às 16h)*

**O SR. PRESIDENTE** (Antonio Carlos Magalhães) – Sob a proteção de Deus, iniciamos os nossos trabalhos.

Declaro aberta a sessão, que se destina a reverenciar a memória do Senador Darcy Ribeiro, falecido no dia 17 do corrente.

Concedo a palavra ao nobre Senador Hugo Napoleão.

**O SR. HUGO NAPOLEÃO** (PFL-PI. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Srs e Srs. Senadores, em nome da Liderança do Partido da Frente Liberal, trago o sentimento da nossa Bancada de profundo pesar pelo falecimento do nosso colega e amigo, Senador Darcy Ribeiro.

Ainda me recordo, Sr. Presidente, do último dia 4 de fevereiro, quando da eleição de V. Ex<sup>a</sup> e da Mesa para a Presidência e da dos demais cargos que dirigem a Casa, em que S. Ex<sup>a</sup> chegou, já em sua cadeira de rodas, para o exercício do seu direito de voto. O então Presidente do Senado, José Sarney, disse que S. Ex<sup>a</sup> tinha o direito de votar do seu lugar e, de fato, assim o fez S. Ex<sup>a</sup>, respondendo, até em tom de ironia e quem sabe de blague: "Esse é um privilégio do câncer".

De modo que, em todos os momentos de sua vida, mesmo já no final, ele manteve aquela galhardia, aquele **savoir faire**, aquela conduta lhana de um lado, delicada também, inquieta e irreverente de outro. E eu diria hoje, quando seu corpo se encontra inerte na morte, que durante a vida, a sua alma foi inquieta.

Tive o privilégio de conhecê-lo quando eu era Ministro da Educação do Brasil, nos idos de 1988. Aquela época, procurava dar o melhor de minhas atenções ao INEP, instituição hoje quase que sexagenária, oriunda das boas idéias de Anísio Teixeira, o grande educador. Inaugurávamos, naquele tempo, a Biblioteca do INEP, no saguão do Ministério da Educação e, também, a galeria de retratos dos ex-Ministros.

Convidei Darcy Ribeiro, que lá foi gentilmente. Saímos juntos, de automóvel, para um almoço, começamos a conversar e a dialogar, e, pela primeira

vez, de perto pude ver aquilo que conhecia à distância sobre seu temperamento, sobre sua grandeza, sobre a personalidade de um verdadeiro talento, de um formulador de idéias, de um pensador, um pensador que sonhou este País, que sonhou um Brasil grande.

Em todas as passagens de sua vida, quer como antropólogo, como etnólogo ou como educador, manifestava ardor nas suas ações. Tanto é assim que, quando da votação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, S. Ex<sup>a</sup> foi, por diversas vezes, à Comissão de Educação desta Casa defender os seus pontos de vista e o seu substitutivo com aquele ardor e aquele amor a que fiz referência. O mesmo se deu neste plenário, onde debateu, item por item, todas as emendas e todos os destaques que então nós, Senadores, apresentamos.

Diria que era plácido até nos momentos de ira. Até quando estava no exercício de uma missão ou de uma oração, ou até, quem sabe, de uma peroração, era aquele homem plácido, aquele homem curiosa e paradoxalmente cônscido.

Penso que deixa marca indelével, por isso saliente que esse escritor colocou esse ardor a que me referi na fundação da Universidade de Brasília, UnB, quando o Presidente Juscelino Kubitschek o convidou; já no fim, no Projeto Caboclo; nas suas memórias, que fez até o apagar-se da última vela de sua vida; no Museu do Índio; na LDB, enfim, em todos os momentos, em todos os instantes, foi um homem de escola.

Gostaria de lembrar uma passagem interessante a seu respeito: S. Ex<sup>a</sup>, que possuía profundo conhecimento das civilizações, costumava dizer que as dos Estados Unidos, do Canadá e da Austrália eram insossas, porquanto oriundas da Europa, mas que as do Brasil, não. O Brasil era a nova Roma, porque vinha banhado em sangue índio e em sangue negro.

Vejam a visão universalista da realidade de quem fez do Brasil a utopia, que vai chegar a ser, mas que S. Ex<sup>a</sup> não teve tempo de ver.

Para encerrar, cito Barbosa Lima Sobrinho que, por ocasião de sua morte, disse que não é a

vida que teve que se vai, mas é, sem dúvida nenhuma, a causa que se perde.

**O Sr. Elcio Alvares** – Permite-me V. Ex<sup>a</sup> um aparte?

**O SR. HUGO NAPOLEÃO** – Pois não, eminente Líder Elcio Alvares.

**O Sr. Elcio Alvares** – Senador Hugo Napoleão, V. Ex<sup>a</sup> fala como Líder do meu Partido e é uma grande honra para todos nós tê-lo como porta-voz da Bancada do Partido da Frente Liberal.

**O SR. HUGO NAPOLEÃO** – Muito obrigado.

**O Sr. Elcio Alvares** – Vou me inserir em seu pronunciamento e na autenticidade da sua fala para também render minha homenagem – e, aí, aproveito para falar também como Líder do Governo no Senado da República –, porque V. Ex<sup>a</sup> me dá o ensejo, no discurso maior, na homenagem maior, de fazer esta inserção que julgo profundamente justa e adequada à personalidade de Darcy Ribeiro. Recordo-me, muito bem, de um dos lances finais da sua vida brilhante, fulgurante, nesta Casa, quando acabava de relatar o Projeto de Lei de Diretrizes e Bases da Educação. S. Ex<sup>a</sup> recebeu do Presidente Fernando Henrique Cardoso uma carta altamente elogiosa, porque representava a homenagem não só do Governo, mas principalmente da pessoa do Presidente. Trata-se daquele que, acima de tudo, sobrepujou sobre os partidos, foi figura nacional. Portanto, V. Ex<sup>a</sup>, falando em nome do PFL, nosso Partido, interpreta, como sempre com muita justiça, a homenagem que deve ser prestada a Darcy Ribeiro. Eu, de maneira bem mais modesta, mas me sentindo honrado por V. Ex<sup>a</sup> ser o nosso porta-voz, como Líder do Governo, associo-me às suas palavras, pois realmente Darcy Ribeiro fulgurou nesta Casa numa etapa, toda ela, plena e rica de idéias e de concepções que fizeram com que o Brasil o admirasse cada vez mais como figura inclusive internacional, universal em seus conceitos e em sua prática de ciência e vida.

**O SR. HUGO NAPOLEÃO** – Acolho, agradecido, o aparte de V. Ex<sup>a</sup>, eminente Líder do Governo nesta Casa, Senador Elcio Alvares e subscrevo o que acaba de dizer.

Encerro agora, registrando com saudades que a partir daquele encontro, quando eu era Ministro de Estado da Educação, em 1988, S. Ex<sup>a</sup> nunca deixou de me chamar, inclusive no Senado da República, até os seus últimos dias, de "meu querido Ministro". Pois eu diria: Saudades, meu querido Darcy!

**O SR. PRESIDENTE** (Antonio Carlos Magalhães) – Concedo a palavra ao Senador Coutinho Jorge.

**O SR. COUTINHO JORGE** (PSDB-PA. Pronuncia o seguinte discurso.) – Sr. Presidente, Srs. Senadores, Darcy Ribeiro foi, antes de mais nada, um grande brasileiro, que honrou e defendeu a cidadania e a brasiliade: Darcy foi um eclético intelectual, humanista. Tinha várias vertentes de preocupações e interesses, o que lhe permitiu uma visão holística do homem e da sociedade; Darcy, como intelectual, foi ousado. Tudo o que fez foi com paixão, a mesma que transformava suas idéias e teses em realizações ou em um brado permanente de inquietação.

Não vou relembrar e exaltar o Darcy polivalente, tão conhecido pela Nação brasileira e até por outros rincões; vou apenas recordar alguns lampejos de sua vida fulgurante e concentrar-me na sua última paixão.

Vou falar sobre o Darcy antropólogo. Logo que se formou, passou a trabalhar nas aldeias indígenas do Pantanal, do Brasil Central, da Amazônia, produzindo copiosa obra em defesa do meio ambiente e das populações silvícolas e caboclas. Essa passaria a ser, a partir de então, uma de suas marcas registradas, com reconhecimento no âmbito nacional e internacional. Como professor e educador, foi o grande responsável pela criação da Universidade de Brasília e foi seu primeiro Reitor.

Como Ministro da Educação, Cultura e Casa Civil, coordenou o movimento nacional pelas reformas de base para a sociedade brasileira e foi um grande baluarte na luta em favor dos interesses nacionais contra a ação de empresas estrangeiras. Recentemente, inclusive, iniciou uma campanha firme contra a privatização da Vale do Rio Doce.

Como Vice-Governador do Rio de Janeiro, ofereceu, com a criação dos Cieps, um novo conceito de escola de tempo integral, para servir de paradigma para a escola pública.

Como Senador da República, o seu mais ambicioso projeto foi a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, aprovada recentemente após memoráveis debates no Senado Federal.

Como escritor, deixou um legado de obras importantes de interesse nacional e internacional. Entre muitas, poderíamos citar a *Universidade Necessária*, de grande influência para a América Latina, e o seu mais recente livro *O Povo Brasileiro*. Isso demonstra o seu profundo conhecimento da gênese e formação do povo do nosso País.

Precisaríamos, na verdade, de uma tarde inteira para ressaltar a sua grande contribuição em favor

da cidadania ampla e da brasiliade autêntica, que defendeu com ardor e com amor.

Como amazônica, no entanto, vou relembrá-lo através da sua última paixão. É como se ele, alquebrado e já machucado pela doença, voltasse à juventude e se concentrasse mais uma vez na Amazônia com o seu Projeto Caboclo. Esse projeto, na verdade, representa um plano alternativo de ocupação sustentável da Amazônia. Por isso é bom recordar passagens que formaram as bases do Projeto Caboclo, que foi o último amor e última paixão de uma vida pródiga e importante para o Brasil.

Ouçamo-lo. Convido a todos.

"Logo depois de graduado, vivi em aldeias indígenas da Amazônia. Gosto muito de recordar aqueles tempos meus, em que andava com os índios pela floresta virgem, caçando, pescando, olhando e vendo. Belos anos meus, juvenis. Beleza plena da floresta intocada.

Foi esta vivência íntima com a floresta que me inspirou um ensaio, em que eu mostrava que eram igualmente verdadeiras as imagens da Amazônia, como Inferno Verde e Paraíso Terrenal.

A Amazônia é, de fato – eu o vi no Pará –, uma coisa e outra nas duas quadras do ano em que se transfigura: a das encheres e a das vazantes."

Ouçamo-lo também em relação aos silvícolas e aos seus queridos Kaapor.

"Os Kaapor são gente da mata, silvícolas no mais estrito sentido do termo. Mas o são principalmente porque portam um saber minucioso, acumulado em milênios de convívio com a mata. Conhecem detidamente cada zona diferenciada. Sabem de cada árvore, a espécie e a serventia. Reconhecem cada tipo de pedra ou musgo."

"Os índios se adaptam às florestas, abrindo nelas pequenas clareiras, onde plantam suas roças durante alguns anos e as abandonam depois, deixando mato crescer em capoeiras, que logo se encorpam, refazendo a floresta."

"A população mestiça neobrasileira da Amazônia herdou boa parte dessa sabedoria adaptativa. Vive, também, ao mesmo ritmo, em clareiras da mata, à beira-rio, nos barrancos mais altos e na terra adentro. E a

sua posição contra o desmatamento da Amazônia foi contundente e claro.

Vozes ingênuas às vezes argumentam que o desmatamento da Amazônia não é tão grave dadas as dimensões gigantescas da floresta. Temo que não seja assim. Vimos na primeira metade deste século ser destruída uma floresta pujante como a do Vale do Rio Doce que parecia também imensa demais para que pudesse ser tombada."

E ele conclui nessa preparação ao seu Projeto Caboclo o seu temor quase apocalíptico:

"Através de um esforço milenar as populações indígenas haviam conseguido implantar-se dentro desse ecossistema, tirando dele sua sobrevivência sem ameaçar a reprodução da floresta. A civilização surgiu ali como uma peste de agressão ecológica avassaladora que simultaneamente extermina quase toda a população indígena e liquida a própria floresta com intensidade cada vez maior. Em nossos dias, a eficácia da destruição civilizatória já é tão grande que não se pode mais duvidar que a floresta amazônica está ameaçada da morte."

Ofereceu como alternativa a essa situação tão negativa o seu Projeto Caboclo, um plano alternativo de ocupação da Amazônia. Disse que a salvação do que é salvável na Amazônia depende de dois requisitos fundamentais:

1º – que a opinião pública internacional continue atenta como única força capaz de levar o Governo brasileiro a interromper a atual política destrutiva e substituí-la por outra forma de coexistência entre a sociedade e a Amazônia;

2º – que se criem formas alternativas de ocupação da floresta, fundadas nas experiências milenares dos índios e dos caboclos, as quais, em lugar de destruí-la, a vivificam, a enriquecem e a humanizam.

Esse segundo requisito, de urgência urgentíssima, precisa ser atendido através de pesquisas experimentais em que o objetivo fundamental não seja primordialmente aumentar o conhecimento científico da floresta mas a criação experimental e concreta de formas comunais ou cooperativas de ocupação que preservam as populações indígenas e caboclos.

Também afirma que, baseado no conhecimento antropológico, biológico e ecológico que se tem atualmente, e que se pretende aprofundar ainda mais, sobre as formas tradicionais de vida de comu-

nidades amazônicas, o Projeto Caboclo pretende implementar experimentos ou projetos modelos que possam servir para provar que a ocupação permanente e ecologicamente equilibrada é possível na Amazônia.

E dá uma série de exemplos ou tipos de tais experimentos: um seria a criação de bosques de árvores nativas frutíferas e sua exploração semi-industrial por comunidades caboclas, organizadas em cooperativas que articulassem e conciliassem as suas atividades de subsistência, de manutenção e melhoramento de seu equipamento físico, com o trabalho remunerado.

Um segundo exemplo poderia ser a organização, nas mesmas bases cooperativas, de comunidades caboclas devotadas à criação comercial de peixes, tartarugas e jacarés, nas regiões de lagos.

Um terceiro exemplo seria a implantação em ilhas da Amazônia de criatórios de espécies zoológicas como cutias, pacas e capivaras, em regime de semidomesticação. Aqui também a idéia central é a organização cooperativa de comunidades caboclas, orientadas por pessoal científico, para ir estabelecendo as bases de implantação de criatórios de espécies silvícolas.

Três são os exemplos importantes que Darcy deu como base do seu Projeto Caboclo, como mostra ser possível, através dessas propostas, conseguir o desenvolvimento sustentado das comunidades da floresta tropical.

Não temos nenhuma dúvida, Srs. Senadores, de que o Projeto Caboclo é nada mais do que um contraponto. Se contrapõe, na verdade, ao modelo de desenvolvimento amazônico, dos grandes projetos, das políticas de incentivos fiscais e da infra-estrutura equivocada, que permitiu, entre outros, a implantação de hidrelétrica com a criação de lagos, como Balbina, no Amazonas, de dimensões tão grandes, destruindo parte da floresta e com a mesma produção de energia que tem Tucuruí, que ao invés de 300 mil quilowatts gera 8 milhões de quilowatts. Essas preocupações realmente inquietavam Darcy Ribeiro, como também a implantação de projetos como a Transamazônica, que foi concebida pelo Governo Federal e que esteve por um bom tempo abandonada pelo Governo.

Além disso, a política de incentivos fiscais – e ele a enfatiza, e acredito que os amazônidas aqui do Congresso o fazem sempre –, permitindo que áreas florestais repletas de mogno, como no sul do Pará, fossem destruídas integralmente para ali plantar capim para a pecuária. Alguns equívocos de políticas

que Darcy combatia rigorosamente. Acreditava que o seu Projeto Caboclo seria uma solução, uma alternativa para esses equívocos de desenvolvimento da Amazônia.

**A Srª Marina Silva** – Permite-me V. Exª um aparte?

**O SR. COUTINHO JORGE** – Com prazer, ouço V. Exª.

**A Srª Marina Silva** – As referências que V. Exª está fazendo ao Projeto Caboclo, do Senador Darcy Ribeiro, tenho ainda a acrescentar que, quando estive no Hospital Sarah Kubitschek, logo após o falecimento do Senador, a Diretora-Executiva daquele Hospital nos deu conhecimento, ao Senador Eduardo Suplicy, à Deputada Conceição Tavares e a mim, de que o Senador Darcy Ribeiro, incessantemente, a cada melhora, trabalhava no Projeto. Horas antes de ficar muito mal e entrar em coma, S. Exª trabalhava no Projeto Caboclo. Isso me faz recordar um fato que tive a oportunidade de presenciar. Trata-se de um relato de uma pessoa que conhece muitos rios e barrancos no Estado do Acre, portanto, os rios barrentos da Amazônia. Essa pessoa contou-me que, viajando de barco, observou que a erosão do rio havia "comido" boa parte da barranca do rio. E, em uma faixa de terra havia uma árvore toda florida, mas com as raízes já completamente expostas. Com certeza, aquele pedaço de terra se partiria e a árvore morreria. Perguntou, então, a um caboclo por que aquela árvore, mesmo naquelas condições de pré-falecimento, de pré-morte, estava florida de forma tão bonita. O caboclo respondeu que algumas espécies, quando sentem que vão morrer, imediatamente ficam floridas na tentativa de gerar frutos e jogar suas sementes na terra para que possa continuar viva. Então, há nesse fato uma semelhança muito grande com o que fez o Senador Darcy Ribeiro. S. Exª sabia que sua vida e sua contribuição estavam de passagem, por isso lançou suas sementes, de forma concreta e objetiva, para que elas floresçam e dêem frutos na Amazônia, valorizando a experiência dos caboclos, índios e ribeirinhos, através de cooperativas e de um projeto de educação adequado às condições daquela população, à saúde e que respeite inclusive o saber das populações tradicionais. Aliás, S. Exª conhecia muito bem. O Projeto Caboclo contém idéias do Senador Darcy Ribeiro que passam, a partir de agora, a serem compromissos de todos nós, que gostaríamos se tornassem realidade, para que possam ser aperfeiçoadas e trabalhadas junto às populações a que são destinadas. Muito obrigada.

**O SR. COUTINHO JORGE** – Senadora Marina Silva, o aparte de V. Ex<sup>a</sup> completa o meu pronunciamento, com o conhecimento e a visão que V. Ex<sup>a</sup> tem da Amazônia, inclusive nas experiências vivenciadas de projetos similares.

Lembro à nobre Senadora que, ainda como Ministro do Meio Ambiente, no Projeto Piloto de Florestas Tropicais, havia um projeto, defendido por nós, voltado para as comunidades, onde recursos internacionais seriam alocados, priorizando esse tipo de projeto que fortalece experiências do caboclo, do índio e das comunidades. Acredito ser um projeto com grandes possibilidades de sucesso.

Na minha opinião, o projeto de Darcy Ribeiro é um contraponto importante do Programa Piloto de Florestas Tropicais.

Hoje, o Governo Federal já definiu um ministério para a Amazônia, priorizando, portanto, aquela Região. Definiu alguns programas importantes. O Projeto Caboclo é um complemento, é um contraponto necessário em várias regiões da Amazônia e que, por certo, deverá sobreviver. E V. Ex<sup>a</sup>, Senadora Marina Silva, será, ao lado de outros companheiros, como eu, defensora dessa experiência que Darcy sonhou e que, por certo, haverá de ver implementada esteja S. Ex<sup>a</sup> onde estiver.

**O Sr. Iris Rezende** – Permite-me V. Ex<sup>a</sup> um aparte?

**O SR. COUTINHO JORGE** – Com satisfação.

**O Sr. Iris Rezende** – Agradecendo ao ilustre Colega a concessão do aparte, eu gostaria, ao cumprimentá-lo pelo excelente pronunciamento em homenagem ao nosso Senador Darcy Ribeiro, de também cumprimentar a Mesa, na pessoa de seu Presidente, pela iniciativa da convocação desta sessão especial em homenagem a Darcy Ribeiro, justamente no exato momento em que seu corpo está sendo levado à sepultura. O Senado, com esta iniciativa, coloca mais um ponto nas páginas da história da vida de Darcy Ribeiro. Neste instante, eu desejaría, em nome de meus Colegas da Bancada de Goiás, o Senador Mauro Miranda e Onofre Quinan, registrar, através do pronunciamento de V. Ex<sup>a</sup>, também as homenagens do povo goiano àquele que realmente representou, ao longo da vida, e representará, ao longo dos séculos, motivo de orgulho para o povo brasileiro. Darcy Ribeiro, na verdade, foi uma criatura que se preocupou com todos os segmentos sociais do Brasil: com os índios, com os pretos, com os pobres; preocupou-se com a educação da nossa gente; preocupou-se com a cultura; enfim, preocupou-se com tudo de interesse para o povo brasileiro.

O que devemos agora, Senadores, autoridades, intelectuais, é empenhar-nos para que a vida de Darcy Ribeiro realmente represente um exemplo para as futuras gerações, que não tiveram o privilégio, como tivemos, de conviver com ele na sua intimidade. Lembro-me ainda do que talvez tenha sido o meu primeiro contato com Darcy Ribeiro. Quando Presidente da Assembléia Legislativa de Goiás, eu acompanhava o nosso Governador de então, Dr. Mauro Borges Teixeira, ao Gabinete do Presidente da República, Dr. João Goulart, no Rio de Janeiro, buscando socorro às vítimas da enchente do Rio Tocantins, no Norte de Goiás, hoje Estado do Tocantins. Deixamos o Rio de Janeiro com o despacho do Presidente João Goulart e, às 22h, estávamos em Brasília no gabinete de Darcy Ribeiro, então Chefe do Gabinete Civil, vindo ele, poucos dias ou poucos meses depois, a se exilar em virtude do movimento militar de 64. Mas naquele primeiro contato tido com Darcy Ribeiro, ele já me deixava uma impressão extraordinária. Era, como dizia, homem de pouco mais de 40 anos de idade, solícito, inteligente, culto, preocupado com os problemas de todas as regiões deste País. De forma que queremos nesta hora registrar também a nossa admiração pela vida de Darcy Ribeiro, deixando a nossa homenagem a ele, fazendo votos que o Brasil realmente, ao longo dos séculos, aproveite tudo que ele deu como exemplo ao povo deste País.

**O SR. COUTINHO JORGE** – Muito obrigado, Senador Iris Rezende. As colocações de V. Ex<sup>a</sup> sempre enriquecem nosso pronunciamento. De fato, nosso Darcy foi um intelectual eclético, grande humanista, portanto tinha uma visão ampla, atuou junto a vários segmentos minoritários de nossa sociedade.

**O Sr. Onofre Quinan** – Senador Coutinho Jorge, V. Ex<sup>a</sup> me permite um aparte?

**O SR. COUTINHO JORGE** – Ouço V. Ex<sup>a</sup>, Senador Onofre Quinan.

**O Sr. Onofre Quinan** – Senador Coutinho Jorge, apesar de nosso colega Iris Rezende ter-se manifestado em meu nome e no de nosso colega Mauro Miranda, gostaria de deixar registradas algumas palavras sobre o nosso querido e saudoso Darcy Ribeiro. Acredito não haver no vocabulário brasileiro palavras para enaltecer a figura do saudoso Senador. O Brasil perdeu um grande patriota, e o mundo, um grande homem. Muito obrigado.

**O SR. JORGE COUTINHO** – Agradeço o aparte do nobre Senador Onofre Quinan.

Procurei concentrar-me em seu último projeto, seu último sonho: o Projeto Caboclo. Essa obra é

um brado, um alerta, uma luta em favor da salvação da Amazônia, dos seus índios e dos seus caboclos. O Brasil perdeu um grande brasileiro, mas suas idéias, teses e paixões em favor de um mundo melhor – mesmo que utópicas – permanecerão conhecido como exemplo e alerta.

Darcy Ribeiro seria o perfeito exemplo ao título daquela obra de Pablo Neruda: "Confesso que vivi". Por outro lado, de onde estamos, diríamos que este País e o povo brasileiro agradecem a Deus e a essa vida tão útil e tão bela.

**O SR. PRESIDENTE** (Antonio Carlos Magalhães) – Concedo a palavra ao nobre Senador Lúcio Alcântara.

**O SR. LÚCIO ALCÂNTARA** (PSDB-CE. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do Orador) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup>. e Sr<sup>as</sup>. Senadoras, trago a minha palavra de saudade pelo desaparecimento do nosso querido Colega, Senador Darcy Ribeiro. Falei de improviso, haja vista não ter escrito. Sequer organizei o pensamento para dizer estas palavras, neste momento em que todos nós aqui do Senado queremos tributar nossa homenagem póstuma ao Senador Darcy Ribeiro que, não obstante ser um homem brilhante, um intelectual de grande valor, antropólogo, professor, político, educador, era um homem muito simples que tinha uma linguagem muito acessível, uma linguagem que não seguia os cânones acadêmicos. Ele, inclusive, fazia questão mesmo de extravasar aquele seu temperamento, a sua forma de ser. Recordo-me de que ele gostava de dizer – era uma pessoa muito vaidosa e confessava essa vaidade – que queria receber todas as homenagens a que tinha direito em vida; que não as guardasse para quando ele morresse. E recebeu realmente muitas homenagens em vida e está recebendo um sem-número de homenagens após o seu falecimento, inclusive vindas de pessoas insuspeitas, que talvez nem tivessem afinidade com o seu pensamento, com as suas idéias, com a sua forma de ser, com a sua conduta política.

Li um artigo, a propósito do seu desaparecimento, salvo engano, da pena do jornalista Carlos Chagas, que comumente diz, quando se perde uma figura de valor, que o País empobreceu, está mais pobre. E ele fez um jogo de palavras, dizendo que o País enriqueceu, porque a morte de Darcy Ribeiro obrigou a que muitos se debruçassem sobre a sua vida, sobre o seu pensamento, sobre a sua conduta, sobre as suas obras, sobre tudo aquilo que ele realizou em favor do povo brasileiro, em favor da educação no Brasil, com a sua atuação sempre vigilante, sempre enérgica, sempre determinada e permanente.

Era um homem inquieto, um homem muito criativo, cheio de idéias e que deixou muitas obras pelo País afora. No Rio de Janeiro, contribuiu para aquela formidável iniciativa do Governador Leonel Brizola – os CIEPs –, as escolas em tempo integral, as escolas onde a criança deve permanecer o dia todo. Lá a criança vai estudar, vai-se alimentar, vai praticar esportes, vai ter um médico e dentista. Igualmente, vai haver quem possa dar o reforço escolar para aqueles que estão em dificuldades com a aprendizagem.

Um dos últimos artigos que Darcy Ribeiro escreveu na **Folha de S.Paulo** foi sobre meninos de rua. E para chocar, para causar um impacto na sua denúncia sobre os meninos de rua, ele costumava dizer que isso era um absurdo, era algo que agredia a humanidade, agredia o sentido de solidariedade que deve reinar numa sociedade justa. Ele dizia: "Não vejo galinha abandonada, não vejo porco abandonado, não vejo bezerro abandonado, mas vejo crianças abandonadas". Isso é realmente algo chocante, porque esses animais todos têm um dono, têm um proprietário, têm alguém que cuida deles, mas as crianças, justamente, que mais deviam merecer a atenção, o cuidado da sociedade, são os que estão na rua, são os que estão abandonados, que estão sem escola, sem teto, sem família, sem saúde, sem educação. Esse foi seu último grito de guerra.

O Senador muito realizou, e não vou esgotar aqui o exame de todas as suas iniciativas, das suas propostas, das suas idéias, muitas delas aqui no Senado da República. Já foi citado o seu trabalho, a sua operosidade em relação às questões da educação, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Muitos outros fatos poderiam ser lembrados: a sua luta pela reforma agrária, a defesa dos índios e, por último, o Projeto Caboclo, no qual ele se engajou, uma espécie de canto de cisne da sua longa e vitoriosa trajetória na Terra.

O Senador Darcy Ribeiro, portanto, deixa um legado enorme, um legado que é de todo povo brasileiro, que é da cultura brasileira. Ao contrário de muitos intelectuais, dados a abstrações, a teorizações, a identificar e compreender os problemas para se ausentarem das soluções, Darcy Ribeiro enfrentou-as, como Secretário e como Vice-Governador do Rio de Janeiro, como Reitor da Universidade, pondo mãos à obra e procurando dar a sua colaboração no sentido de superar, de vencer dificuldades fáticas, reais. Não se tratava, pois, de um intelectual sisudo, distante, pedante, mas de um homem com um profundo conhecimento da cultura brasileira, que não se

negava a dar a sua contribuição efetiva para a solução desses problemas.

**O Sr. Epitacio Cafeteira** – Concede-me V. Ex<sup>a</sup> um aparte?

**O SR. LÚCIO ALCÂNTARA** – Ouço V. Ex<sup>a</sup> com prazer.

**O Sr. Epitacio Cafeteira** – Nobre Senador Lúcio Alcântara, uma sessão para tratar do que fez Darcy Ribeiro e do que deixou como legado ao Senado e ao Brasil, levaria vários dias. Cada um há de sacar um ângulo da sua vida. Conheci Darcy Ribeiro quando era Chefe da Casa Civil da Presidência e, durante toda a sua trajetória, até morrer, o que me impressionou muito foi que esse mesmo Darcy, que a Revolução permitiu que entrasse no Brasil para morrer, pois foi esse o sentido da aceitação de seu retorno do exílio, embora acometido de uma doença incurável, conseguiu fazer de conta que não tinha doença alguma. Prosseguiu na sua luta como se imortal fosse, pois ser imortal da Academia não lhe dava o direito de não morrer, mas ser imortal, como realmente foi, por tudo que deixou como legado para nós. Darcy Ribeiro venceu o câncer. Darcy Ribeiro, que a Revolução deixou que entrasse no Brasil para morrer, assistiu à morte da Revolução e ao seu enterro. Morreu coberto de glórias, coberto de respeito de todos os brasileiros, pois não se conhece um só de seus atos onde ele olhasse a si próprio como beneficiário. Ele sempre olhou com preocupação os seus semelhantes, como os meninos de rua que passam fome. Ele tinha uma frase antológica, em que dizia que se fosse para ser menino de favela preferiria ser menino de rua. Conheceu de perto o problema dos pobres, dos índios, dos negros. Tive, enfim, a honra de ser companheiro desse homem neste Senado Federal. Muito obrigado pelo aparte.

**O SR. LÚCIO ALCÂNTARA** – Muito obrigado, Senador Epitacio Cafeteira. Pretendia concluir o meu pronunciamento destacando esse fato. Uma das maiores lições, senão a maior lição de vida deixada a todos os brasileiros, foi a forma como ele encarou a doença, como encarou a morte, como não se entregou, como se evadiu – ele era meio lúdico, meio "macunaímico" – de uma UTI para se refugiar numa casa na praia e escrever alguns livros que gostaria de deixar como mais um legado seu. E escreveu "O Povo Brasileiro" e, antes de morreu, concluiu seu livro de memórias.

Essa lição de vida é formidável e devemos incorporá-la como uma demonstração de vitalidade, de grande capacidade espiritual, de resistência ao não ceder às dores, às dificuldades de locomoção,

de respiração. Enfim, para qualquer um, esses dois anos de vida após o diagnóstico da sua moléstia teriam sido anos tormentosos, de depressão. No entanto, ele venceu tudo isso e transformou esses dois anos de vida que lhe restavam num período de grandes realizações no plano político, no plano intelectual, na militância. Enfim, ele foi um exemplo que devemos cultuar como o de uma das personalidades mais fulgurantes da vida pública brasileira nos últimos anos.

**O Sr. Casildo Maldaner** – Permite V. Ex<sup>a</sup> um aparte?

**O SR. LÚCIO ALCÂNTARA** – Ouço V. Ex<sup>a</sup> com prazer.

**O Sr. Casildo Maldaner** – Senador Lúcio Alcântara, gostaria de aproveitar este momento tão importante para dizer, mesmo numa frase ou duas, aquilo que o Senador Darcy Ribeiro representou como instrumento do coletivo, sempre no sentido macro, nunca personalizando, em algumas causas fundamentais como a da educação no Brasil, da questão cultural e da questão indígena entre outras. Ele vivia intensamente esses problemas. Diante disso, Senador Lúcio Alcântara, parodiando a escola de samba Viradouro, que teve como enredo "Trevas! Luz! A explosão do universo" e que foi vencedora do Carnaval no Rio de Janeiro, diria que Darcy Ribeiro vinha sendo uma luz que explodira no Brasil, em nossa sociedade. Meus cumprimentos a V. Ex<sup>a</sup>.

**O SR. LÚCIO ALCÂNTARA** – Muito obrigado, Senador Casildo Maldaner.

Finalizo dizendo que um desses numerosos articulistas que escreveu sobre o Senador Darcy Ribeiro diz que ele foi o mais carioca dos mineiros, pois, nascido em Montes Claros, foi para o Rio. Na verdade, tinha um temperamento, uma forma de agir e um comportamento que em nada lembra aquilo que se tem como protótipo do mineiro, ou seja, reservado e cauteloso. Pelo contrário, era um homem expansivo, um homem lúdico, um homem que não tinha peias na língua, que falava aquilo que pensava, que era uma homem estuante de vida.

Lembro-me de que certa vez Darcy Ribeiro esteve em Fortaleza a meu convite e, depois de cumprir a programação – conferências, palestras, reuniões com o Partido –, pediu para fazer um passeio de ultraleve, já doente. Então, com um amigo nosso, o Professor Flávio Torres, que tinha um ultraleve, demorou-se sobrevoando Fortaleza, o que demonstra que ele era um homem que gostava da vida. E transmitia isso a todos que se acercavam dele.

No período em que passei pelo PDT, tive o privilégio de conhecer – entre outras satisfações que tive no Partido – Darcy Ribeiro, tornar-me seu amigo e fazer com ele vários trabalhos no Senado Federal. Por isso me senti na obrigação, Sr. Presidente, de deixar aqui meu registro, que é sobretudo calcado na emoção do que pude captar de Darcy Ribeiro no período em que tive a oportunidade de com ele conviver mais de perto.

Muito obrigado.

**O SR. PRESIDENTE** (Antonio Carlos Magalhães) – Com a palavra o nobre Senador Jefferson Péres.

**O SR. JEFFERSON PÉRES** – Sr. Presidente, peço permissão à Mesa para falar sentado. Não é por fraqueza das pernas, é pela voz, que me obriga a falar perto do microfone. Estou quase afônico e, se forçar muito, chegarei à completa afasia.

**O SR. PRESIDENTE** (Antonio Carlos Magalhães) – V. Ex<sup>a</sup> tem a palavra.

**O SR. JEFFERSON PÉRES** (PSDB-AM. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sr<sup>s</sup>s e Srs. Senadores, este ano de 1997 tem sido extremamente cruel com a *intelligenza* nacional. Primeiro foi Antônio Callado, depois Paulo Francis; em terceiro, Mário Henrique Simonsen; e finalmente – e não sei se finalmente, não sei quantos ainda seguirão, mas até aqui finalmente –, o nosso companheiro Darcy Ribeiro.

Vejam, Srs. Senadores, que quase todos os campos do conhecimento humano foram golpeados. Com Antonio Callado a literatura de ficção; com Paulo Francis o jornalismo, sobretudo o jornalismo de combate; com Mário Henrique Simonsen a economia, a engenharia, a matemática e a música; com Darcy Ribeiro a educação e a antropologia.

Não vou falar sobre a obra de Darcy, ela é suficientemente conhecida e outros que a conhecem melhor do que eu certamente dissertarão sobre o tema. Só gostaria de deixar registrado aqui o meu testemunho a respeito de duas passagens de Darcy Ribeiro a que assisti.

Estava, certa vez, em um almoço no Clube do Congresso, Darcy me fazia companhia à mesa com mais dois ou três Senadores, e ele começou a se servir de carneiro, de picanha, das carnes mais gordurosas. E um colega nosso indagou: "Darcy, você não tem colesterol?" Ele respondeu: "Meu caro, sou um terminal", e sublinhou essa frase com uma risada, parecia que se referia a uma coisa banal, mas estava falando de seu próprio fim.

**O Sr. Bernardo Cabral** - V. Ex<sup>a</sup> me permite um aparte, Senador Jefferson Péres?

**O SR. JEFFERSON PÉRES** – Concedo-lhe o aparte, Senador Bernardo Cabral.

**O Sr. Bernardo Cabral** – Este aparte tem uma finalidade dupla: primeiro, permitir que V. Ex<sup>a</sup> descanse as cordas vocais para continuar nesta luta brava de prestar homenagem ao nosso querido e saudoso Senador Darcy Ribeiro; o segundo motivo é que esperei um companheiro do Amazonas – e ninguém melhor do que V. Ex<sup>a</sup> – prestar homenagem ao homem que criou o Projeto Caboclo. Quando V. Ex<sup>a</sup> registrou ainda há pouco o que Darcy disse sobre o colesterol, pode-se sentir que ele foi um homem paradoxal. Observe V. Ex<sup>a</sup> que ele trazia uma mentalidade panorâmica do conhecimento humano, era um cidadão de muitas aptidões, tudo o que fazia acabava demonstrando seu alto conhecimento. Quando levado à Comissão de Relações Exteriores, em sua última aparição pública, a convite do Senador Antonio Carlos Magalhães, com a presença de nosso colega Iris Rezende, Darcy Ribeiro mostrou que o Projeto Caboclo o credenciava a receber um título, e faço questão de registrar esse título no discurso de V. Ex<sup>a</sup>. O talento de Darcy Ribeiro porfia com a opulência do Estado Amazônico. Senador Jefferson Péres, V. Ex<sup>a</sup> traz para cá essa homenagem em nome do Amazonas, e tenho certeza de que o Senador Gilberto Miranda a ela se acopla. Por mim já havia o meu eminentíssimo Líder, Senador Hugo Napoleão, registrado essa homenagem. V. Ex<sup>a</sup> está certo de que, poucas vezes na vida – e por isso registrava o paradoxo de Darcy Ribeiro –, a morte faz com que um homem valha mais do que quando está na sua plena existência. Peço a V. Ex<sup>a</sup> que me inclua como um dos seus seguidores nessa homenagem a Darcy Ribeiro.

**O SR. JEFFERSON PÉRES** – Muito obrigado, Senador Bernardo Cabral, o fato de V. Ex<sup>a</sup> me delegar essa incumbência apenas me honra.

A outra passagem a que me referi presenciei numa sessão de Comissão de Educação, na qual se discutia a Lei de Diretrizes e Bases, de autoria de Darcy Ribeiro. Um grupo de manifestantes, no fundo da sala, gritava *slogans* contra o projeto de lei que, no entender deles, destruiria o ensino público. Darcy Ribeiro se levantou e se dirigiu a eles, trôpego, arrastando os pés, com aquela figura patética e, sem nenhuma arrogância, até mesmo com humildade, fez a seguinte peroração ao grupo: "Vocês realmente acham que um homem com a minha biografia, com a minha trajetória de vida, dedicada em grande parte à educação pública, faria um projeto para destruir a escola pública?" O grupo silenciou, Sr. Presi-

dente. A paixão corporativista e o fervor ideológico morreram diante da grandeza daquele homem que os interpelava.

Era assim, portanto, Darcy Ribeiro, homem de uma extraordinária dimensão, de uma grandeza que realmente não alcançamos. É uma pena enorme que ele se vá, Sr. Presidente. O Congresso Nacional já foi uma cordilheira reluzente, cheia de picos, mas, cada vez mais, torna-se uma planície com muito poucas eminências. Sem dúvida, Darcy Ribeiro era uma delas.

Creio que não há muito mais a dizer. Quero apenas registrar, como já foi dito anteriormente, que a última preocupação daquele homem, que muito gratificou a nós da Região Norte, relacionava-se ao Projeto Caboclo, ao qual ele se dedicou. De certa forma, ele fala sobre esse projeto no artigo que escreveu para o *Livro da Profecia*, recém-editado por este Senado.

Na parte referente à Amazônia, ele fala que, no ano de 2097, daqui a um século, portanto, viveríamos numa sociedade inteiramente miscigenada, igualitária, edênica, com a criação de um novo tipo de homem. Enfim, Sr. Presidente, aquilo era a utopia de Darcy. Tal como numa visão igual à da obra *Utopia*, de Thomas Morus, ou da *La citta del sole*, de Campanella, ele era sobretudo um sonhador, talvez com um pouco de loucura. Mas o que seria deste mundo, afinal, sem uma pitada de loucura, Sr. Presidente?

É por isso que não encontro outras palavras para encerrar o meu pronunciamento, senão repetindo aquela frase do Presidente do Parlamento indiano, quando, comunicando a seus pares a morte do Primeiro-Ministro Jauaharial Nehru, disse simplesmente: "Senhores, a luz já não brilha mais; o Primeiro-Ministro deixou de viver."

É isso. A luz já não brilha mais aqui; o Senador Darcy Ribeiro deixou de viver, Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Antonio Carlos Magalhães) – Com a palavra, o Senador Humberto Lucena.

**O SR. HUMBERTO LUCENA** (PMDB-PB. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup>s e Srs. Senadores, Darcy Ribeiro foi um gênio no verdadeiro sentido da palavra, tal a vastidão de sua cultura multiforme, a força de seu talento criador e a lucidez de sua brilhante e in-vulgar inteligência.

Não sei o que mais salientar na sua personalidade diferencial, se o sociólogo especializado em antropologia, preocupado com a sociedade, em geral, e com o meio ambiente, em particular; se o etnólogo,

logo, indianista, preocupado com a espécie humana e, sobretudo, com os índios e a preservação de sua cultura; se o professor universitário, criador da Universidade de Brasília, o redator dos projetos para a Universidade Nacional do Uruguai, para o Sistema Universitário Peruano, para a Universidade Central da Venezuela, ou o incentivador das Universidades de Costa Rica, México e Argentina; se o romancista de *Maíra* (1976), de *Utopia Selvagem* (1982), de *O Mulo* (1987), de *Migo* (1988), editados e reeditados em português e em diversos idiomas estrangeiros, como italiano, espanhol, francês, alemão, polonês, húngaro e hebraico; se o político altivo, corajoso e coerente, que aliava a sua dignidade à imensa competência e a um espírito público excepcional; ou se, afinal, o cientista político que estruturou a sede do Parlamento Latino-Americano, em São Paulo.

Democrata, o "coração do lado esquerdo", como diria José Américo de Almeida, Darcy Ribeiro não conseguia dissociar o regime de liberdade de uma justa distribuição de renda entre as regiões e as pessoas. Por isso mesmo, além de ter trabalhado tenazmente, ao longo do tempo, pelo desenvolvimento das regiões mais pobres, como o Norte e o Nordeste, agigantou-se na luta por uma reforma agrária autêntica, de cunho democrático, que assegurasse a terra e os meios de produção aos pequenos posseiros e proprietários e, já agora, aos sem-terra, movimento que sempre contou com o seu total apoio pessoal e político. Lembro-me bem de seu empenho pelas realizações das reformas de base, no Governo João Goulart, particularmente da reforma agrária, diante da incompreensão de amplos segmentos da elite conservadora de então.

E mais, como político, abraçou, também, com entusiasmo fora do comum, a causa da educação, glorificando-se, afinal, com a transformação em lei de seu projeto que dispunha sobre as Diretrizes e Bases da Educação.

Mas se Darcy Ribeiro ajudou o desenvolvimento nacional, apoiou com veemência a reforma agrária e as demais reformas estruturais de que o País carecia, nunca abandonou o seu compromisso com um certo nacionalismo que se arraigara no fundo de sua alma e, sobretudo, seu compromisso com a democracia, cuja restauração no Brasil, depois de 20 anos de autoritarismo, passou a ser para ele, como para tantos outros – entre os quais me incluo com muita honra – uma obsessão nacional. Suspensos seus direitos políticos por dez anos, Darcy, que só nasceu para ser livre, exilou-se no exterior, ao lado de João Goulart, Leonel Brizola e outros brasileiros

ilustres que, punidos por suas idéias e posições políticas, já não tinham condições de residir e trabalhar no Brasil. Lá na Argentina, no Uruguai e em outros países da Europa e da Ásia, por onde andou em busca de abrigo e do exercício de sua notável capacitação profissional, deu uma valiosa contribuição ao incremento de nossas relações internacionais, a nível cultural, e estimulou, com a sua presença e a sua palavra, a formação da Frente Amplia que, num dado momento da vida brasileira, foi um grande instrumento na luta pela democratização do País que, já então, ganhava as nossas ruas e praças na campanha pelas Diretas Já que, afinal, nos levou, sem qualquer violência, à reconquista do poder civil com o restabelecimento pleno do Estado de Direito, através da eleição de Tancredo Neves para a Presidência da República.

**O Sr. Ronaldo Cunha Lima** – Permite-me V. Ex<sup>a</sup> um aparte?

**O SR. HUMBERTO LUCENA** – Ouço o aparte de V. Ex<sup>a</sup>.

**O Sr. Ronaldo Cunha Lima** – Lamento interromper o belo pronunciamento que V. Ex<sup>a</sup> faz para, também, somar-me às homenagens que são prestadas a Darcy Ribeiro. Há poucos instantes, ouvia do Senador Jefferson Péres uma referência que me fez lembrar o pensamento de Bernard Shaw, quando dizia que os homens sensatos se adaptam ao mundo, e os insensatos fazem com que o mundo se adapte a suas vontades. E o mundo cresce, e o seu progresso é devido aos insensatos. Darcy Ribeiro era o que podíamos chamar de insensato. Chegava à lucidez e, mais do que isso, à genialidade, porque foi mediante esses gestos insensatos que ele procurou buscar que o mundo se adaptasse a suas vontades. Neste instante em que pranteamos a sua memória e ante o registro belo da sua alocução, do seu discurso, a exemplo dos demais aqui proferidos, permito-me dizer, parodiando Manoel Bandeira, no seu poema a Irene boa, a Irene meiga, a Irene amiga, quando chegou ao Céu. Darcy Ribeiro, batendo à porta de São Pedro, dele ouviu: "Pode entrar, Darcy. Você aqui não precisa pedir licença".

**O SR. HUMBERTO LUCENA** – Agradeço o aparte de V. Ex<sup>a</sup>, que é o fecho de ouro deste meu pronunciamento.

Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, numa última homenagem à memória do nosso saudoso Senador, relembrar uma frase que foi proferida por Genésio Gambarra, no elogio fúnebre que fez a João Pessoa, à beira do seu túmulo: "Darcy, vivo não te venceram, morto não te vencerão".

**O SR. PRESIDENTE** (Antonio Carlos Magalhães) – Com a palavra o Senador José Eduardo Dutra.

**O SR. JOSÉ EDUARDO DUTRA** (PT-SE) – Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, muito já foi dito sobre o Senador Darcy Ribeiro, na sessão de hoje e também nos jornais. Realmente, é difícil, neste momento, evitar o lugar-comum, é difícil evitar as repetições. Entretanto, vou tentar fazer isso.

Quero registrar que, lamentavelmente, nesses dois anos em que estou nesta Casa, tive pouco tempo de convivência com o Senador Darcy Ribeiro, até pelo fato de ter sido exatamente nesse período que se agravou seu quadro de saúde. Para mim foi um grande prazer e uma grande honra ter sido colega de Darcy Ribeiro nesta Casa. Em primeiro lugar, porque ele foi uma referência para a minha geração. Referência com duas vertentes: a vertente da emoção e a vertente do dogmatismo. Lembro que quando comecei a ter atividade política no movimento estudantil, em meados da década de 70, o então Professor Darcy Ribeiro era essa referência de resistência democrática, de coragem, de conhecimento, de alguém que tinha profunda crença em nosso povo.

Naquela época, já também amarrada pelas análises dogmáticas, existia a referência daquele que não analisava a realidade e a política com os esquemas da esquerda dogmática, não se utilizava das categorias burguesia e proletariado, da luta de classes. Ele preferia falar em povo, preferia acreditar e usar um conceito de povo que dentro do esquema do marxismo engessado não cabia. Darcy Ribeiro acreditava principalmente no povo brasileiro e na Nação brasileira. Ele acreditava que o Brasil, a partir dessa mistura de raças que gerou o povo brasileiro, estava condenado a ser a potência do 3º milênio, a potência que emergiria dos trópicos. Essa análise, na minha imagem dogmática de então, fazia com que o colocássemos no escaninho dos populistas, juntamente com Leonel Brizola, João Goulart e tantos outros. Passados alguns anos e com o arejamento das nossas idéias, nesse momento em que o moderno é modificarem-se as idéias, é estabelecerem-se convicções ao sabor dos modismos, Darcy Ribeiro foi um homem de profundas convicções, de convicções arraigadas, pelas quais lutou até o fim da sua vida. Infelizmente, não vou poder conviver com ele agora numa mesma Bancada nesta Casa, a partir da formação do bloco das oposições.

Nós, do PT, tínhamos, sim, divergências com ele. Mesmo assim, temos que reconhecer que, por mais que sentíssemos urticária quando ele dizia que

o PT é a esquerda da sacristia – essa frase é puro Darcy Ribeiro – até nisso vê-se o talento e a criatividade de Darcy Ribeiro ao fazer suas críticas.

Tínhamos divergências, por exemplo, na questão da estrutura sindical, e neste caso particularmente, na minha opinião, Darcy Ribeiro estava errado.

Tivemos divergências na discussão da Lei de Diretrizes e Bases, mas temos que registrar que Darcy Ribeiro, na condição de Relator daquela matéria, foi extremamente tolerante, extremamente amplo, extremamente aberto às sugestões, às emendas e às propostas de enriquecimento. Tenho certeza que mesmo não saindo desta Casa a LDB defendida pelo meu Partido, ela foi, sem dúvida alguma, profundamente ampliada e enriquecida com o trabalho de Darcy Ribeiro.

Darcy Ribeiro tinha uma vaidade simpática e talvez nos redima a todos – particularmente nós políticos que somos todos vaidosos, mas não temos coragem de dizê-lo – ao dizer que gostava de receber elogios.

**A Srª Marina Silva –** V. Exª me permite um aparte?

**O SR. JOSÉ EDUARDO DUTRA –** Ouço a nobre Senadora Marina Silva.

**A Srª Marina Silva –** A forma como Darcy Ribeiro falava "povo brasileiro", "meu povo", dita por qualquer um de nós pareceria vulgar, demagogia. Mas, dita por ele, era original, interessante. Ele sentia mesmo como uma categoria, como um sistema da sua obra, a forma de tratamento "povo brasileiro". Ontem, no velório, eu pensava que se chegasse alguém que não conhecesse a realidade do Brasil, que não conhecesse Darcy Ribeiro e perguntasse a qualquer um de nós quem morreu, quem era o homenageado tão importante, muitos de nós teríamos diferentes respostas. Mas, além de grande gênio da antropologia, da etnologia, de tantas coisas que ele fez, poderíamos dizer que Darcy Ribeiro era um homem que sentia, que observava e que elaborava. Ele elaborava o que sentia e o que observava. Também se poderia dizer que era um homem que sonhava e realizava, acima de tudo. Poderíamos dizer também que era um homem que "dava carão". Na minha terra, diz-se "dar carão". Darcy já não tinha mais muita paciência de discutir, de debater. Ele, às vezes, se permitia ficar "dando carão" nas pessoas. "Não é assim, porque na Suíça não é assim, na França não é assim, isso que estão dizendo é besteira". Ele chegou a dizer isso na Comissão de Educação, quando estava relatando a LDB. E não nos sentíamos ofendidos, respeitávamos a forma irrever-

rente como ele tratava as pessoas, que, muitas vezes, levantavam questões que para ele já eram líquidas e certas. Todos aprendemos a ter um pouco de tolerância com o Senador Darcy Ribeiro. Morreu o homem que dava carão nos políticos, nos intelectuais e até no Presidente. A professora Conceição Tavares disse uma coisa muito interessante: o Senador Darcy Ribeiro tinha uma forma particular de se revoltar, não contra as pessoas, não contra alguém em particular, mas contra o sistema, contra as instituições, quando elas não estavam de acordo, contra as idéias, mas nunca contra os indivíduos. Essa é uma forma bonita de viver a política. Podemos fazer críticas, podemos até ficar revoltados com algumas situações, mas as pessoas não devem ser necessariamente o objeto da nossa ira no sentido negativo da destruição e do ódio. E o Senador Darcy Ribeiro soube fazer isso muito bem. Todos sabemos que quando determinado órgão perde sua função, os outros são obrigados a trabalhar com muito mais sensibilidade para suprir a parte lesada. Acredito que a intelectualidade brasileira perdeu um dos seus importantes órgãos, que foi machucado na sua parte pensante. O Senador Darcy Ribeiro deixa-nos o desafio de aumentar a sensibilidade para recuperarmos a sua perda. Acredito que onde ele estiver – sou uma pessoa que tem fé –, ele deve estar articulando uma grande aliança do bem pelo benefício deste País.

**O SR. JOSÉ EDUARDO DUTRA –** Muito obrigado, Senadora Marina Silva. Os pontos que V. Exª levanta reforçam uma convicção que tenho: a ninguém era possível ficar indiferente a Darcy Ribeiro. Podia-se discordar em certos pontos, concordar em outros, mas ficar indiferente era impossível.

Gostaria de registrar que um dos momentos em que passei por profundo constrangimento nesta Casa foi exatamente no episódio a que se referiu o Senador Jefferson Péres, pois, entre as pessoas que acusavam Darcy Ribeiro, tenho certeza de que a grande maioria era filiada ao meu Partido. Confesso que fiquei constrangido com aquele tipo de abordagem ao Senador Darcy Ribeiro, mas ele, com seu talento e capacidade, como já descreveu aqui o Senador Jefferson Péres, colocou as coisas em seus devidos lugares.

Gostaria também, para concluir, de dizer que tive a sorte – e isso vou levar para meu currículo – de me tornar sócio de Darcy Ribeiro na autoria da lei que institui a doação presumida de órgãos, aprovada a partir do substitutivo brilhantemente preparado pelo Senador Lúcio Alcântara ao projeto meu e do Senador Darcy Ribeiro, recentemente promulgada

pelo Presidente da República, muito provavelmente a partir de carta que o Senador Darcy Ribeiro encaminhou ao Presidente Fernando Henrique, com argumentos irrefutáveis contestando toda a campanha feita contra a lei logo que aprovada pelo Senado Federal. Tenho certeza de que essa carta que o Senador Darcy Ribeiro encaminhou ao Presidente da República, publicada no jornal **Folha de S. Paulo**, deve ter contribuído de maneira muito decisiva para que Sua Excelência viesse a sancionar aquela lei.

Muito se disse já de Darcy Ribeiro, mas entre as frases que procuravam defini-lo, feitas por diversos políticos, a meu ver a que se encaixou melhor não foi a de nenhum político, mas de Caetano Veloso, que dizia que Darcy Ribeiro tinha um eterno ar de adolescência.

E é um paradoxo que Darcy, no final da vida, tenha tido tanto amor a ela, quando, segundo ele mesmo disse em entrevista no programa **Roda Viva**, repriseada agora com a sua morte, aos 20 anos teve vontade de se matar, porque fazia Medicina, mas não encontrava naquilo que estava estudando a razão e a saída da sua existência. Assistia a aulas de Filosofia, de Direito, mas naquele momento teve vontade de dar fim a sua vida porque não estava vendo muito sentido nela. É um paradoxo que ele, quando jovem, tivesse tido esse sentimento, e depois, ao longo da vida, tivesse tido tanto amor a ela, como demonstrou principalmente nos dois últimos anos, quando a doença se abateu de forma mais profunda. Foi um período em que ele produziu de maneira quase que obstinada. Já foi citada aqui a LDB, os projetos Caboclo e de doação de órgãos.

E para concluir, quero lembrar um poema já batido, fora de moda, muitas vezes dito, de Bertolt Brecht, aquele que dizia que há homens que lutam um dia e são bons, há homens que lutam um ano e são melhores, e há homens que lutam toda a vida e são imprescindíveis. Sem dúvida alguma, dentro do conceito brechtiano, Darcy Ribeiro foi um homem imprescindível.

Muito obrigado, Sr. Presidente.

**O SR. PRESIDENTE** (Antonio Carlos Magalhães) – Com a palavra o nobre Senador Romeu Tuma.

**O SR. ROMEU TUMA** (PSL-SP. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sr's e Srs. Senadores, uma, duas, mil sessões comuns ou especiais... tantas mais fizéssemos, mais teríamos a falar sobre esse ser que se esvai em matéria para incorporar-se, só energia, ao universo das almas. E muito ouviremos falar ainda dele, que foi, com certeza, um dos mais cultos, polêmicos e combativos Senadores da República.

"Feliz de quem atravessa a vida tendo mil razões para viver", como diz Dom Helder Câmara. E, por mil razões, Darcy Ribeiro amou a vida, a ponto de driblar a morte e só consentir em morrer após concretizar muitos dos seus sonhos.

Esse educador, legislador e antropólogo, ao qual a ciência, a cultura e o nosso País tanto devem, gostava do invulgar e chegava a revestir de extravagância tudo o que fazia, numa atitude que o colocou e o susteve naturalmente no centro dos grandes acontecimentos nacionais dos últimos quarenta anos. Com isso, apoiando-se apenas nas qualidades extraordinárias do próprio intelecto, pôde transformar em fatos concretos muito do que acreditava ser bom para o nosso povo. Perseguindo com obstinação seus objetivos de vida, conquistou o respeito e a estima de todos, mesmo de quem, por não conseguir entendê-lo ou ficar sobressaltado ante sua ânsia de reorientar a História, chegara a vê-lo como uma ameaça à paz pública. Darcy Ribeiro teve a felicidade de poder dar tudo de si ao País e à gente que tanto amava. Teve a felicidade de morrer como vencedor.

Valeu a pena? Valeu, valeu sim, porque nem os sonhos e realizações conseguiram refletir toda a grandiosidade de sua alma. E, como diria Fernando Pessoa, "tudo vale a pena, se a alma não é pequena".

Em duas frases cunhadas por Darcy Ribeiro, podemos ver a síntese do que lhe ia pelo espírito indômito e irrequieto. A primeira diz:

"Estou sempre voltando à *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre, o livro mais importante já escrito sobre o Brasil."

A segunda frase é quase segmento da primeira, ou seja:

"A Suíça é um país quase perfeito. Um horror. Prefiro o nosso que está por fazer."

Dizia eu a Roberto D'Avila – que teve oportunidade de fazer uma brilhante entrevista com Darcy Ribeiro, tão repriseada neste momento triste da sua perda –, que horror não era a Suíça; horror era viver num país de Primeiro Mundo. E ele completava a sua frase, Senador Jefferson Péres: "Prefiro o nosso que está por fazer".

Podemos extrair daí o juízo antropológico de Darcy Ribeiro sobre o povo que foi sua paixão e que, incentivando-o, lhe deu forças para continuar existindo quando todos os prognósticos lhe eram desfavoráveis. Mas, apesar de tudo, chegou a hora inadiável, o momento da missão cumprida. A partida.

**O Sr. Ney Suassuna** – Permite-me V. Ex<sup>a</sup> um aparte?

**O SR. ROMEU TUMA** – Concedo o aparte a V. Ex<sup>a</sup>.

**O Sr. Ney Suassuna** – Senador Romeu Tuma, eu queria apartear V. Ex<sup>a</sup> apenas para lembrar que muito se fala da Universidade de Brasília, mas se esquece de que Darcy Ribeiro não só reformulou a UERJ, como também criou a UERJ Norte em várias cidades do interior do Estado do Rio de Janeiro. Darcy Ribeiro não foi um simples criador de uma universidade, mas sim um criador de universidades. Darcy Ribeiro vai fazer falta a este País. Muito obrigado.

**O SR. ROMEU TUMA** – Agradeço a V. Ex<sup>a</sup> pelo aparte. Como eu disse no início do meu pronunciamento, em mil sessões como esta, haveria um milhão de coisas a falar sobre a vontade e o trabalho de Darcy Ribeiro.

E, lembrando o que foi, fez e nos legou Darcy Ribeiro, ao recordar a figura desse campeão da cidadania, vem-me à mente o lusitano Afonso Duarte a dizer em seu poema "Lápides", como proclamaria Darcy Ribeiro se aqui estivesse:

"Não sou um velho vencido!  
Mesmo à beira da morte  
Quero erguer o braço forte  
Da razão de ter vivido.  
  
Voz de amor por quanto louvo  
Caia-me o coração exangue,  
Mas sem traição do meu sangue  
Que é a voz do meu povo."

Muito obrigado, meu amigo. Muito obrigado, Cidadão Darcy Ribeiro, por ter vivido e pelas lições de bravura.

**O SR. PRESIDENTE** (Antonio Carlos Magalhães) – Concedo a palavra ao nobre Senador Valmir Campelo.

**O SR. VALMIR CAMPELO** (PTB-DF. Pronuncia o seguinte discurso.) – Sr. Presidente, Sras. e Srs. Senadores, em nome da Liderança do PTB, é com imenso pesar que me associo às manifestações desta Casa e de todo o País pelo desaparecimento de nosso ilustre Colega, Senador Darcy Ribeiro.

Os que aqui me antecederam já mencionaram e louvaram as qualidades morais e intelectuais de Darcy, seu admirável espírito público, a obsessão com que se dedicou às causas que elegeu – a educação, sobretudo – e a coragem com que desafiou e combateu a doença que o vitimou, transmitindo a todos nós preciosa lição de vida e de esperança.

Há homens públicos que não se limitam ao papel de agentes ou testemunhas de seu tempo. São personagens seminais, cujas idéias destinam-se a atravessar gerações, transformando-as e aprimorando-as.

A História do Brasil registra a presença de alguns desses personagens, muitos dos quais marcam indelevelmente sua passagem nesta Casa. Cito, entre outros, Nabuco, Rui Barbosa, Gustavo Capanema, Afonso Arinos e, agora, Darcy Ribeiro.

A biografia de Darcy é das mais densas e admiráveis. Viveu, com intensidade, um dos períodos mais controversos e tumultuados da história republicana brasileira: o Governo João Goulart.

A efervescência da Guerra Fria produzia aqui, nos idos de 1964, um momento de intenso e apaixonado embate ideológico.

Darcy, Chefe do Gabinete Civil do Governo João Goulart, que seria deposto pelo movimento militar, corajosamente lutou por suas crenças, que não cabe aqui discuti-las, pagando o alto preço do exílio e da perseguição.

Viveu anos de ostracismo político, o que lhe custou danos consideráveis à saúde.

A incerteza do retorno, a saudade dos amigos, a solidão do exilado derrubam a muitos; não, porém, a Darcy.

No exílio, intensificou sua produção intelectual, escrevendo romances e aprofundando-se em algumas de suas obsessões de intelectual: a educação e os índios.

Como educador, deixara a esta cidade, antes de partir para o exílio, um precioso legado: a Universidade de Brasília. Por ela lutou quando tudo lhe era adverso.

A própria idéia de Brasília era ainda vista como um delírio pessoal de Juscelino. Enfrentou o ceticismo da comunidade acadêmica de então, que achava um absurdo erguer um complexo universitário em meio à paisagem desértica do Cerrado.

Darcy teve a ousadia de impulsionar esse projeto, tornando a UnB uma realidade.

Em reconhecimento a todos os merecimentos de Darcy Ribeiro, Srs. e Srs. Senadores, é que, ainda ontem, tive a felicidade de tomar a iniciativa de apresentar nesta Casa um projeto de lei propondo a alteração da denominação da UnB, que passará a se chamar "Universidade de Brasília Darcy Ribeiro".

Brasília, sem dúvida alguma, sentir-se-á honrada e confortada ao ver a UnB ostentar o nome imortal de seu idealizador e 1º Reitor.

E era também a ousadia de Darcy que, não obstante a idade e a enfermidade que o acometia, lhe dava aspecto juvenil quando falava.

Quantas vezes aqui nos deliciamos com sua oratória espontânea e magnética, com o virtuosismo de seu verbo, capaz de dobrar mesmo os seus reincidentes adversários?

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação, recém-sancionada pelo Presidente Fernando Henrique Cardoso – e destinada a transformar o panorama da educação brasileira –, tem as impressões digitais de Darcy Ribeiro.

É sua obra derradeira, um generoso legado intelectual às futuras gerações.

Embora adversário deste governo, soube mostrar sua grandeza de homem público, dispondendo-se a colaborar numa causa de interesse coletivo.

O Presidente Fernando Henrique Cardoso e o Ministro Paulo Renato reconheceram de público a influência decisiva de Darcy Ribeiro na elaboração dessa Lei.

Títulos e obras não faltam a Darcy Ribeiro.

Foi o pai da UnB, o amigo dos índios, o apóstolo da educação.

Prefiro, porém, lembrar-me dele de um modo mais simples e abrangente: um homem público íntegro e integral – um brasileiro exemplar.

Era o que tinha a dizer, Sr. Presidente, Sr's e Srs. Senadores.

**O SR. PRESIDENTE** (Antonio Carlos Magalhães) – Concedo a palavra ao nobre Senador Ramez Tebet.

**O SR. RAMEZ TEBET** (PMDB-MS. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sr's e Srs. Senadores, tanto já se falou da vida desse grande brasileiro Darcy Ribeiro, tanto ainda se falará com certeza, pelo seu exemplo de vida, pelo legado que nos deixou, pela grandeza de sua obra, que só me abalanço, Sr. Presidente, a ocupar esta tribuna, juntando minha voz às de todos os colegas Srs. Senadores que estão pranteando e reverenciando a memória de Darcy Ribeiro, inclusive porque sou daqueles que têm algo para contar.

Assim que cheguei nesta Casa, foi S. Exª um dos primeiros Companheiros que conheci. Por incrível que pareça, logo depois fui visitá-lo no Hospital Sarah Kubitschek. Esperava encontrar ali – pelas notícias que me vinham – um homem abatido. Qual não foi minha surpresa ao encontrá-lo com vontade de viver, alguém feliz com minha visita. Nosso relacionamento era recente; portanto, procurei lembrar-lhe que representava o Estado de Mato Grosso do Sul. Assim, praticamente, S. Exª se levantou do seu

leito, começando a falar das coisas do meu Estado e dos três anos em que lá viveu com os índios Kadiwéu. Agora, quando S. Exª nos deixa, sinto o dever indeclinável de falar nesta Tribuna como seu Companheiro, também para dar-lhe o derradeiro abraço de amizade fraterna e de admiração pelo seu trabalho que, com toda certeza, será enaltecido por muitos e muitos anos e por várias gerações neste País. Mormente, desejo falar em nome do Estado de Mato Grosso do Sul, onde S. Exª viveu alguns anos de sua vida. Declaro que o meu Estado teve orgulho em recebê-lo. Ele morou também no Estado de Mato Grosso do Sul.

Extraí de seu livro uma página, e são suas as palavras que vou ler. Disse Darcy Ribeiro em seu livro "Testemunho":

A primeira tribo com que trabalhei longamente foi a dos Kadiwéu, remanescentes dos antigos Guaicurus, únicos índios do Brasil que dominaram o cavalo e com ele impuseram sua suserania sobre muitas tribos de uma área extensíssima, que ia desde o Pantanal até todo o sul de Mato Grosso.

Com os Kadiwéu foi que, de fato, aprendi a ser etnólogo, porque tanto eu os estudava, como eles me estudavam e, por meu intermédio, à minha gente.

Assim, Sr. Presidente, Sr's e Srs. Senadores, Mato Grosso do Sul junta sua voz às vozes de todas as unidades da Federação brasileira, na certeza de que a obra de Darcy Ribeiro é perene, é uma obra que vai servir às muitas gerações de brasileiros.

Muito obrigado.

**O SR. PRESIDENTE** (Antonio Carlos Magalhães) – Concedo a palavra ao nobre Senador Lauro Campos.

**O SR. LAURO CAMPOS** (PT-DF. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sr's e Srs. Senadores, quantas vezes observei Darcy Ribeiro no meio de seu padecimento, penetrar no plenário, comparecer às sessões, que para ele já eram muito penosas; mas nesta sessão Darcy Ribeiro não gostaria de estar presente; nesta sessão, em que homenageamos o seu passamento, Darcy Ribeiro gostaria de continuar vivo, e não de assistir a uma sessão em homenagem ao seu passamento.

Darcy Ribeiro nasceu em Montes Claros. É um fenômeno que acontece muito raramente, como a passagem do cometa Halley. Darcy Ribeiro, criança em Montes Claros, deve ter escutado até o final de seus dias a palavra de seus parentes, de suas tias, dizendo: "Êta, menino; êta, Darcy; esse Darcy não

pára". E Darcy não parou, jamais parou, porque Darcy, o mineiro de Montes Claros, era um eros, um eros diferente daquele eros grego. Darcy Ribeiro era um eros universal.

De onde trazia ele a força, a capacidade de continuar a nos mostrar a cascata de seu sorriso? De onde tirava ele a força vital que demonstrava com bravura a cada passo de sua vida?

Montes Claros não comportava Darcy Ribeiro. Por isso, ele foi para Belo Horizonte por volta de 1940 e ingressou onde não devia.

Na Sorbonne, deram-lhe o título de doutor **honoris causa**, e um título de doutor **honoris causa** não conquistado por outras influências, mas pela força de sua inteligência, pelo poder de sua cultura única e exclusivamente.

Lá, dizia Darcy Ribeiro, recebeu o título de doutor **honoris causa** devido aos seus fracassos. Não conseguiu, disse ele naquele discurso, nenhum êxito nos seus grande projetos; não conseguiu concluir nada na vida. A Universidade de Brasília, que ele imaginou e colocou em prática, teve que chamá-la um dia de sua filha prostituída; prostituída, sim, por aquilo que veio em 64 e que impôs na universidade de Darcy Ribeiro a antiuniversidade. Centralizada, despótica, autoritária, criou, em vez de um espaço para a cultura, uma muralha despótica da anticultura, da antipesquisa, do bitolamento, do estreitamento das cabeças ao invés de abrir as portas dos departamentos fazendo com que os departamentos se inseminassem pelas informações, pelo contato entre os vários departamentos, de Economia e de Sociologia, de Política, de Antropologia. Na concepção totalizante de Darcy Ribeiro, todo saber se interpenetrava. Interagia uma parte do saber humano sobre a outra.

Darcy Ribeiro foi para Belo Horizonte e lá seguiu o caminho errado: fez concurso vestibular para a faculdade de medicina e, como lembrava ele, nunca teve uma aprovação naquela faculdade. Irrequieto, Darcy Ribeiro foi procurar matar a sua sede de conhecimento na faculdade de filosofia e, como ele conta às páginas 88 e 89 de seu livro chamado *Migo*, ele ia à faculdade de direito assistir às aulas de meu pai.

Dizia Darcy Ribeiro, para grifar, como costumava fazer, para acentuar ou exagerar em suas colocações: naquela ocasião em Minas havia os bené, os pedrinhos, os miltinhos, os afonsinhos. Mas lá conheci também Carlos Campos – o único sábio com que convivi na minha vida –, uma vida inteira dedicada ao estudo e à pesquisa, triste e solitária vida. Ao

defrontar-me com ela, dizia Darcy Ribeiro, eu me assustei.

Pois bem, portanto, foi em minha casa, aos 57 anos de idade, aproximadamente, que, pela primeira vez, encontrei-me com o Darcy Ribeiro, ele seis anos mais velho do que eu. Depois, vivi 26 anos prisioneiro de uma obra de Darcy Ribeiro: a Universidade de Brasília, onde fui professor de dedicação exclusiva em tempo integral.

Em 1963, conversava com um primo de Darcy Ribeiro, Lincoln Ribeiro, professor da UnB. Dizia a ele, premunitoriamente: "Lincoln, diga para seu primo Darcy Ribeiro que o projeto da Universidade de Brasília vai ser vitorioso um dia no Brasil. Mas, talvez nesse dia, nem ele, nem você, nenhum dos professores que lá está hoje poderá continuar a lecionar. Você é professor de política, Lincoln Ribeiro, e por isso sabe: vivemos na América Latina, onde a estrutura política não tem estabilidade e o próximo golpe que vem aí não é o golpe sonhado, o golpe da Esquerda. Vai ser o golpe da Direita, que vai mandar-nos todos embora. Vai demitir todos e vai aproveitar a estrutura despótica, centralizadora, sem concurso, sem garantia para os professores. Num País em que as conquistas dos trabalhadores ainda não tinham a sua história, os professores eram apenas garantidos pela CLT.

Infelizmente a minha visão de outubro de 1963 veio se concretizar. Como eu não queria aquele tipo, de relação profissional, fui fazendo concurso para catedrático e ser vitalício. Quem sabe, na Cátedra, no poder da Cátedra, pudesse eu desenvolver a minha bitola estreita e quem sabe um dia a minha mediocridade viesse atingir as proximidades da inteligência e da fulgorância de Darcy Ribeiro.

Mais uma vez, aqui, a vida nos aproximou, aqui neste Senado. Darcy Ribeiro foi uma explosão que acontece raras vezes. E, como ocorre em toda explosão, as luzes que dele emanaram foram em várias direções. Uma explosão fantástica de eroticidade, de capacidade de viver, capacidade de gozar a vida, capacidade de ousar, colocando a sua imaginação sem teias na construção de projetos utópicos e a sua habilidade incrível na concretização desses sonhos.

Para a Universidade de Brasília, ele abalou, para incorporar o seu projeto, do Vaticano até as forças políticas que se lhe opunham naquela ocasião.

Darcy Ribeiro não pôde descansar na Universidade de Brasília. Como é difícil a um homem dependente, a um ser que pretende manter a sua coerência, sobreviver num País como o Brasil! Darcy Ri-

beiro matou um leão por dia durante toda a sua vida. Escreveu 26 livros com mais de 140 edições em várias línguas do mundo.

Darcy Ribeiro retirava aquela sua força vital de seu riso, de sua magia interior. E jamais o "Eros" Darcy Ribeiro teve qualquer receio de Tánatos. A impressão que eu tinha é que se Tánatos, à morte, um dia conseguisse vencer aquela fantástica manifestação de vida de Eros, Darcy Ribeiro ainda iria conseguir, mais um vez, num processo de encantamento, convencer Tánatos a deixá-lo conosco por mais algum tempo.

O que Darcy Ribeiro pretendia fazer como antropólogo era bem mais do que aquilo que fez como etnólogo. O seu projeto, concretizado no seu livro *O Povo Brasileiro*, ainda não foi suficientemente aprendido e digerido pelos estudiosos no Brasil. A sua bitola larga torna difícil que nós, os medíocres, nós, aqueles que vivemos em nossa bitola estreita, possamos abarcar a sua ousada contribuição para a cultura brasileira.

S. Ex<sup>a</sup> pretendia mostrar algo que se encontra, sim, em Gilberto Freire e que se encontra também na *Filosofia da História*, de Hegel, quando diz que "a grandeza da Grécia se deve ao fato de que a Grécia era o caminho pelo qual diversos povos diferentes convergiram e trouxeram as suas contribuições para formar o grande espírito helênico".

Assim Darcy Ribeiro via o Brasil, o povo brasileiro, nesse processo no qual acreditava e tinha fé e que, obviamente, não era a tentativa de construção do processo civilizatório brasileiro um processo fracassado. O projeto humano daria certo no Brasil, pensava e confiava Darcy Ribeiro.

Portanto, quando soube que o mestre Darcy Ribeiro havia, finalmente, sido colhido pelo noturno Thánatos, ainda fiquei pensando que era apenas um encantamento. Darcy Ribeiro teve coragem para tudo. Jamais escondeu sua qualidade de agnóstico, não teve medo de declarar que depois retornaria à condição de poeira cósmica, jamais teve medo de perder votos ao se declarar ateu.

Em 1974, teve que voltar ao Brasil. Sua esposa e colaboradora, Berta Ribeiro, escreveu cartas a amigos para viabilizar a operação que extrairia um dos pulmões do Senador Darcy Ribeiro, alguns deles se recusaram. No mesmo ano, sua batalha com a morte vai se tornando cada vez mais dura, mais penosa. Da última vez em que se referiu a ela, a essa luta contra a morte, S. Ex<sup>a</sup> repetiu aquilo que todos sabemos: "só não quero sentir dor". E aconselhava àqueles que se encontravam em uma situação

terminal em que a dor se mostrava insuportável, com aquele seu sorriso eterno: "tomem morfina, gozem, não sintam dor".

Portanto, Darcy Ribeiro enfrentou as lutas com aquele mesmo sorriso, com aquela mesma força vital que já possuía, obviamente, lá no seu pequeno Montes Claros e que o levou de lá e de Mato Grosso até os confins do mundo, recebendo, meritoriamente, o título de Doutor **Honoris Causa**, inclusive da Sorbonne.

Darcy Ribeiro passava de uma para outra, cada uma de suas obras concretizadas lhe redinamizavam a imaginação e o poder criativo, que o levava para novas empreitadas e, assim, nesse processo interminável em que a prática insemina a imaginação, a inteligência, em que a realidade cria novas condições e novos espaços para a utopia e o sonho.

Sei que Darcy Ribeiro não gostaria de estar presente nesta sessão. Mais ou menos o que falei agora, tive oportunidade de escrever num artigo publicado na **Folha de S.Paulo**, artigo este que seguramente foi lido por Darcy Ribeiro ainda em vida.

Mas quero me penitenciar pelo fato de que, mineiro medíocre que sou, trilhando as bitolas estreitas contra as quais me insurjo, não aproveitei a convivência de Darcy Ribeiro como gostaria de tê-lo feito. Por isso, penitencio-me. Mas foi a minha humildade, a minha mineirice, muito inferior à de Darcy Ribeiro, que impediram que eu crescesse, que eu me alargasse, que eu me aproximassem dele e de suas dimensões incomensuráveis.

*Durante o discurso do Sr. Lauro Campos, o Sr. Antonio Carlos Magalhães, Presidente, deixa a cadeira da presidência, que é ocupada pelo Sr. Lucídio Portella, 4º Secretário.*

**O SR. PRESIDENTE** (Lucídio Portella) – Concedo a palavra ao nobre Senador Ademir Andrade.

**O SR. ADEMIR ANDRADE** (PSB-PA. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sr<sup>s</sup>s e Srs. Senadores, quero, nesta homenagem a Darcy Ribeiro, ressaltar a sua forma única, exclusiva, de fazer política.

Vi poucas pessoas na vida – milito na política há mais de 20 anos, exercendo mandatos seletivos – fazer política como Darcy Ribeiro, um político em relação ao qual ninguém, em momento algum, jamais teceu qualquer crítica, um político do qual ninguém conseguia ter raiva. Darcy Ribeiro fazia política de forma diferenciada. Creio que, pelo seu desprendimento, pelo seu total desinteresse pessoal, Darcy Ribeiro fazia política olhando o povo, a socie-

dade, a Nação, o mundo. Jamais pensava nele mesmo, jamais pensava no poder ou em exercer o poder para dele se utilizar, para pressionar de alguma forma. Darcy Ribeiro fazia política lançando idéias, manifestando pensamentos, e conseguiu ser respeitado por todos ao longo de toda a sua vida.

Na política, muitas vezes temos ódio, tratamos adversários como inimigos. Com ele sempre foi diferente. Creio que esta é uma das coisas mais bonitas na figura de Darcy Ribeiro.

Outra homenagem que temos de lhe reverenciar é a maneira como enfrentou a morte. Ao longo de minha vida, nunca vi uma pessoa morrer como Darcy Ribeiro, nunca vi uma pessoa tão dedicada ao trabalho, tão tranquila, tão serena, tão disposta, tão otimista. É incrível que não nos tenhamos dado conta da possibilidade de sua morte. Ele estava aqui conosco, trabalhando, expondo as suas idéias, e não imaginávamos que, de repente, ele poderia morrer, tamanha a sua vontade de trabalhar, tamanha era a sua indiferença diante da morte, tamanha era o seu desejo de ter vivas as suas idéias e de transferi-las aos outros.

Nós o vimos aqui, no dia 4, a votar nessa sessão do Senado. Recebemos no nosso gabinete um convite, assinado por Darcy Ribeiro, marcando uma reunião para tratar das questões da Amazônia, exatamente no dia de sua morte, no dia 17. Li esse ofício assinado por Darcy Ribeiro na terça-feira pela manhã, em que nos convidava a participar de um encontro que estava promovendo num hotel aqui em Brasília, para tratar das questões da Amazônia.

Nunca vi tanta vontade, tanta dedicação, tanto amor à vida. Ele era realmente uma pessoa alegre, capaz de "levantar o astral" – como se diz no linguajar popular – de qualquer pessoa. Qualquer pessoa que estivesse numa situação de depressão, decepcionada com alguma coisa, triste por alguma razão, bastava olhar Darcy Ribeiro. Não precisava conversar, bastava receber dele aquele sorriso tranquilo e, conhecendo a pessoa que ele era, já transformava nossa maneira de ser, diminuía nosso pessimismo e já nos colocávamos numa posição mais compreensiva, com mais alegria, porque ele transpirava esta virtude de sua vida: o amor.

O amor à vida, às pessoas, à existência era sua mais bonita característica, era tudo o que sentíamos dele e o que de mais bonito ele nos deixa.

Penso que a coisa mais bonita que S. Ex<sup>a</sup> possuía era o amor à vida, às pessoas, à existência. Era tudo o que pregava, tudo o que transpirava nele.

**O Sr. Édison Lobão** – Permite-me V. Ex<sup>a</sup> um aparte?

**O SR. ADEMIR ANDRADE** – Ouço o aparte do nobre Senador Édison Lobão.

**O Sr. Édison Lobão** – De fato, é uma perda imensa. Darcy Ribeiro, eu o conheci quando na Universidade Federal; depois, como Ministro da Educação e, posteriormente, Chefe da Casa Civil do Presidente João Goulart. Sua Exa. controlava, de algum modo, as atividades políticas naqueles dias tempestuosos do parlamentarismo e na restauração do presidencialismo. Veio o Movimento Revolucionário, S. Ex<sup>a</sup> teve que deixar o País, mas deixou o exemplo de um homem vigoroso nas ações administrativa e política. Foi para o Rio de Janeiro, onde trabalhou como Secretário do Governador Leonel Brizola. Nesta Casa nos encantou sempre a todos com a sua cordialidade, simpatia e suas palavras de ponderação. Sua Excelência nos deixa um exemplo – que haverá de frutificar – de como se deve bem proceder na vida pública brasileira. Muito obrigado.

**O SR. ADEMIR ANDRADE** – Sou eu quem agradece a V. Ex<sup>a</sup>.

Sua maneira de trabalhar nunca pude presenciar em nenhuma outra pessoa. Recentemente, S. Ex<sup>a</sup> reuniu vários Senadores para apresentar sua idéia para a Amazônia, denominada Projeto Caboclo. Esta seria executada por uma organização não-governamental: a Fundação Darcy Ribeiro, naturalmente com o auxílio de outras entidades.

Essa idéia casa-se com a necessidade da nossa região, da Amazônia. É uma idéia que o Governo, ou segmento do Governo, no Ministério do Meio Ambiente, especialmente na pessoa do Professor José Seixas Lourenço, vem tentando implementar no Brasil, ou seja, uma política de desenvolvimento auto-sustentado, uma política que não destrua a Amazônia, que conserve a natureza. Ele prega determinados tipos de projetos que seriam executados por caboclos, por índios, por pescadores artesanais, por pessoas que vivem na região; ele prega uma forma de essas pessoas usarem todos os conhecimentos que são naturais delas, somados aos conhecimentos de cientistas, para que esse tipo de trabalho possa desenvolver-se de maneira a dar a essa comunidade uma vida econômica melhor, mais confortável, com lucros, com ganhos e, ao mesmo tempo, com a quase total preservação dos recursos naturais da nossa Amazônia.

Essa idéia do Projeto Caboclo, do Senador Darcy Ribeiro, a muito custo, vem sendo executada pelo Professor José Seixas Lourenço, mas, incrivel-

mente, não com o dinheiro do Governo brasileiro, mas de doações internacionais, vem sendo executada por várias organizações não-governamentais que, aqui e ali, em determinados lugares da Amazônia, tentam orientar essas comunidades naturais da região – seringueiros, caboclos, pescadores, índios –, dando a eles alguma técnica, alguma direção, aprendendo também com eles. Faz esse trabalho o Museu Emílio Goeldi, no meu Estado.

Essa idéia existe não apenas da parte do Senador Darcy Ribeiro, mas de vários segmentos que existem na nossa Amazônia. Mas não é uma idéia que está no Governo. Não é uma idéia de política pública. É isso que devemos compreender neste momento. O Senador Darcy Ribeiro apresentou seu projeto a vários Senadores, e já ouvi o Senador Antonio Carlos dizer que vai levá-lo adiante, que vai apoiá-lo, fazendo-o ser uma política pública, uma política a ser executada pelo Governo, porque a idéia de Darcy Ribeiro era fazer aquele projeto, em determinados pontos da Amazônia, com recursos vindos de fora – e o Governo deveria assumir para ele.

Ao invés de se fazer reforma agrária como se está fazendo na nossa região, onde o colono invade a propriedade e o Governo depois a regulariza, fazendo a devastação da mata e muitas vezes criando a pastagem sem nenhuma orientação daquilo que é da nossa realidade e da nossa vida. Darcy Ribeiro propõe que o Governo arrume áreas de 5.000 hectares e que, em cada uma dessas áreas, sejam assentadas 50 famílias, as quais teriam orientação de técnicos, mas eles mesmos já têm uma grande experiência, porque nasceram, viveram e se criaram nessas matas.

O Governo deveria compreender isso. Essa idéia do projeto do Darcy Ribeiro é para ser executada de maneira pequena, de maneira mínima, num lugar ou em outro da Amazônia. Poderia ser enxergada pelo Governo, passando a ser apoiada como uma política de poder público, como uma política de Governo. Essas idéias deveriam ser postas em prática.

Vejo o esforço desse professor José Seixas Lourenço, mendigando R\$2 milhões, R\$1 milhão, R\$500 mil de entidades não-governamentais da Alemanha, da Itália, da França, da Bélgica, da Suíça, enquanto o Governo brasileiro não dedica um centavo a esse tipo de trabalho.

Creio que poderíamos homenagear Darcy Ribeiro levando adiante as suas idéias sobre trabalho, sobre a conquista de uma nação justa, igualitária, de uma nação que pudesse dar a todos os seus filhos uma oportunidade de uma vida digna, tranquila, feliz,

porque ele era um homem que pensava na felicidade do povo, que compreendia a necessidade de diversão da população.

Foi ele o idealizador do Sambódromo do Rio de Janeiro e hoje é imitado por todo este País, pois cada Governador, cada Prefeito que se elege está construindo o seu sambódromo, entendendo que o que o povo quer da vida é trabalho, é diversão, é alegria e é amor. E isso Darcy Ribeiro soube compreender melhor que todos nós que ainda fazemos política, muitas vezes, com ódio, com ranço, com divergência, com aspereza.

Louvo a qualidade desse brasileiro que, sem dúvida nenhuma, muita falta fará a todos nós. Espero que suas idéias prosperem, especialmente esse Projeto Caboclo, uma idéia pequena, que não se apresentava para o contexto total da Amazônia, venha a ser assumido e desenvolvido pelo nosso Governo, propiciando assim uma vida boa ao nosso povo, mas, ao mesmo tempo, mantendo a preocupação com a preservação da nossa natureza, da nossa região.

Muito obrigado.

*Durante o discurso do Sr. Ademir Andrade, o Sr. Lucídio Portella, 4º Secretário, deixa a cadeira da presidência, que é ocupada pelo Sr. Antonio Carlos Magalhães, Presidente.*

**O SR. PRESIDENTE** (Antonio Carlos Magalhães)

– Com a palavra o Líder do PMDB, Senador Jader Barbalho.

**O SR. JADER BARBALHO** (PMDB-PA. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.)  
– Sr. Presidente, Srs e Srs. Senadores, em nome da Bancada do PMDB, desejo registrar, em que pese as manifestações de diversos companheiros a respeito de Darcy Ribeiro, não aspectos que já foram ressaltados, pois entendo que Darcy Ribeiro viveu várias vidas em uma vida só.

Aqui já se pôde destacar, e a imprensa o tem feito nas últimas 48 horas, todas as facetas da vida de Darcy Ribeiro. Desejaria ressaltar, Sr. Presidente, em breves palavras, o sentimento que recolhemos de Darcy, de que ele foi um homem de bem com a vida, porque viveu de forma coerente, ou seja, que a vida dele não foi apenas o lado leve das homenagens que recebeu ao longo de sua vida e, particularmente, no final dela e que está, ainda hoje, a receber e haverá ainda de receber registros na História do Brasil pelos serviços prestados.

Aqui já foi dito que Darcy também foi um exilado político. Darcy também foi um proscrito numa de-

terminada época neste País. Darcy teve oportunidade de ser um homem de Governo e de ser um homem de Oposição. Darcy, portanto, teve a chance de, Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, vivendo de bem com a vida, ter o reconhecimento de todos nós, da sociedade brasileira, ainda em vida, o que não é dado a todos. Tantos, na História deste País, como na história da humanidade, só com o tempo, depois que as paixões passam, têm o reconhecimento sereno da História.

Darcy Ribeiro foi um privilegiado, porque, ainda em vida, teve a oportunidade de ser reconhecido neste País, inclusive por aqueles a quem ele fez oposição, por aqueles com quem teve divergências.

Por isso mesmo, Sr. Presidente, em nome da Bancada do PMDB, quero neste tributo de homenagem a esta grande figura que pertence à História do Brasil, que é Darcy Ribeiro, cumprimentá-lo, já na posteridade, pela coerência. Este Darcy Ribeiro que dispensa, neste momento, a enumeração dos cargos, porque também teve o privilégio de estar acima deles.

Darcy Ribeiro, hoje, na História do Brasil e para a sociedade brasileira, não é o Darcy Ribeiro Senador da República, Ministro da Educação, Chefe da Casa Civil da Presidência da República, enfim, todos os cargos que ocupou, Darcy Ribeiro, na verdade, Sr. Presidente, conseguiu ser Darcy Ribeiro acima de todos os cargos que ocupou.

**O SR. PRESIDENTE** (Antonio Carlos Magalhães) – Com a palavra o nobre Senador Roberto Freire.

**O SR. ROBERTO FREIRE** (PPS-PE. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, em nome do Partido Popular Socialista, sucessor do Partido Comunista Brasileiro, quero prestar homenagem a Darcy Ribeiro, um brasileiro.

Muito foi dito aqui, mas talvez muito ainda se pudesse dizer, pois cada um tem a sua experiência vivida com Darcy Ribeiro, conhecida de Darcy Ribeiro. Não apenas nestes dois anos de Senado, mas desde quando pela primeira vez ouvi falar em seu nome, ou seja, quando ainda jovem estudante, tive conhecimento de seu papel como educador, como criador da Universidade de Brasília, como militante político, como homem de esquerda.

Gostaria de dizer, para ser breve, da nossa admiração por Darcy Ribeiro, poder concentrar em sua personalidade, em sua vida, o que a esquerda tem de melhor: a sua generosidade. Darcy Ribeiro não era de bem com a vida, não amava a vida senão porque a entendia como uma possibilidade da cria-

ção da sua utopia de uma sociedade mais justa, solidária, fraterna.

Por último, talvez a satisfação de termos tido dele, numa declaração, algo que para todos nós, comunistas, é gratificante. Quando disse que de nós, militantes comunistas em nosso País, havia recebido o ensinamento de que era também responsável, como ser humano, pela melhoria da humanidade, pelo destino da humanidade. Quero dizer que isso não foi um ensinamento para Darcy Ribeiro, pois, desde aquela oportunidade, ele já era o Professor Darcy Ribeiro.

**O SR. PRESIDENTE** (Antonio Carlos Magalhães) – Concedo a palavra ao nobre Senador José Ignácio Ferreira.

**O SR. JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA** (PSDB-ES. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores, falo em meu nome pessoal, do PSDB e em nome do meu Estado, ente federativo que integra esta Casa.

Uma das coisas mais sensatas presentes em nosso Regimento é o art. 26, que prevê que se realize uma sessão no dia em que haja o falecimento ou no dia seguinte dedicada a reverenciar a memória do extinto no Senado. Isso nos dá a oportunidade de nos manifestarmos, de externarmos o que vem do nosso coração, o que está na nossa razão quando acabou de ocorrer o sepultamento de um colega, nesse tempo em que muita lágrima molhada se verte para fora e muita lágrima seca rola para dentro. É, portanto, muito acertado o que consta dessa disposição do art. 26.

No caso do Senador Darcy Ribeiro, que nos deixou, que é pranteado hoje e o será por muito tempo certamente, porque ele não se pertencia mais, não pertencia somente aos seus amigos, aos seus conterrâneos, mas pertencia a todo o País e era um homem do mundo. Darcy Ribeiro foi, sem dúvida, um homem do sonho e da concretização do sonho, um homem que teve a oportunidade de sonhar muito e viver intensamente. Amante da vida, não veio à vida a passeio, mas a serviço. Dedicou-se inteiramente ao ato de viver, foi uma explosão de vida passando 74 anos pelo território deste País.

Darcy Ribeiro idealizou, planejou e ajudou a implantar a Universidade de Brasília; inspirou e ajudou a concretizar centenas de escolas; escreveu dezenas de livros e fez vários outros tipos de trabalho; pronunciou conferências; realizou muitos feitos como Ministro da Educação, como Ministro Chefe da Casa Civil. Lembro-me de um deles quando Darcy exercia a Pasta da Educação: ele conseguiu impre-

mir 12% de dispêndio com educação na receita da União para o aperfeiçoamento e desenvolvimento da educação brasileira. Faço questão de registrar, nesta oportunidade, que Darcy Ribeiro precedeu com isso o ato de outro grande brasileiro, o Senador capixaba João Calmon, que felizmente está conosco, ouve estas palavras ou vai lê-las, e, sem dúvida, tem a satisfação de ver reconhecido o seu trabalho, seu empenho, seu esforço, os frutos daquilo que idealizou e conseguiu concretizar após tantos anos de peleja.

Darcy Ribeiro foi o homem do sonho e da concretização. Lutou pelas suas crenças, lutou junto com Juscelino, com Jango, de quem foi Ministro duas vezes; enfrentou o autoritarismo, foi preso, indiciado, depois absolvido. Exilou-se, foi para o Uruguai, em seguida para a Venezuela e depois Chile. Darcy pisou em muitos espinhos, muita pedra pontuda; ao mesmo tempo, foi um intelectual, um homem de ciência e um político que tende mais à sabedoria.

Há quem diga que a política é horizontalizada e tende mais à sabedoria, porque o político tem um vi-são global do fenômeno humano, do fenômeno social, do fenômeno político, de todos os fenômenos; portanto, há necessidade de o político se superficializar na horizontalidade do seu trabalho. O político mergulha menos porque o mergulho é destinado ao técnico. O técnico é verticalizado e profundo na sua ação, ele se verticaliza e se baliza. O grande cientista não é homem que tende à sabedoria, até porque o saber científico não leva ninguém à sabedoria – e nem a ciência tem essa pretensão. O saber científico leva as pessoas ao saber e só a ele, já a visão do político é mais totalizadora de todos os fenômenos, e, portanto, tende à sabedoria. O político e o técnico se completam. O técnico precisa do político na sabedoria e o político precisa do técnico nos mergulhos que tem que fazer necessariamente aqui, ali e acolá para dominar mais profundamente os assuntos de natureza técnica. No entanto, Darcy Ribeiro foi, ao mesmo tempo, um técnico e um político. Poucos conseguem isso.

Nesta oportunidade, nesta brevíssima intervenção, quero prestar a minha homenagem a Darcy Ribeiro. Aliás, eu sempre prestei homenagens a Darcy Ribeiro e sempre prestei uma reverência íntima a ele. Em várias oportunidades, expliquei isso. Mas, neste derradeiro momento, quero dizer em alto tom e deixar bem claro que Darcy Ribeiro foi um homem modelar para mim. Darcy Ribeiro parecia ter pena dos tristes, dos que não sonham e não vibram. Darcy Ribeiro era um hino permanente ao amor à vida,

à intensidade da vida. Ele procurava mergulhar em todos os assuntos com um bulício que encantava a todos. Ele era um homem bulíoso e notável na expressão da sua inquietação pessoal.

Sr. Presidente, estamos prestando justíssima homenagem a Darcy Ribeiro. Culmino dizendo palavras que são dele. Poucos dias antes de morrer, Darcy Ribeiro dizia: "Sou um livro. Tenho 74 anos. Fiz uma universidade, quinhentas escolas e um sambódromo. Sou um livro".

Ele não só fez várias universidades e centenas de escolas, como também inspirou milhares de iniciativas em favor do ensino, como aqueles 12% a que me reportei e que são os antecedentes do trabalho posterior de João Calmon.

Talvez, coubesse mais precisamente a Darcy Ribeiro um epitáfio, que, se pudesse, eu colocaria na sua sepultura: "Aqui jaz um grande brasileiro, que sonhou muito e que concretizou muito em favor do Brasil."

Era o que tinha a dizer, Sr. Presidente.

Muito obrigado.

**O SR. PRESIDENTE** (Antônio Carlos Magalhães)

– Com a palavra o nobre Senador Carlos Wilson.

**O SR. CARLOS WILSON** (PSDB-PE. Pronuncia o seguinte discurso.) – Sr. Presidente, Srs e Srs. Senadores, apesar do pouco tempo de vida parlamentar durante a qual tive a oportunidade de conviver com Darcy Ribeiro, uma característica assimilei de sua personalidade: o ambiente onde Darcy chegava não permanecia o mesmo.

Darcy Ribeiro possuía o dom de transformar as coisas. O pragmatismo, à sua presença, adquiria leveza; a sisudez cedia lugar à descontração; as dificuldades apresentavam horizontes de solução; o realismo abria-se para o sonho.

Essa, a imagem do homem Darcy Ribeiro, Sr. Presidente, Srs e Srs. Senadores, que ficou gravada na minha memória.

Entendo agora a expressão do índio Chico Guarani quando pronunciou esta desolada afirmação: "Os povos da floresta estão sem pajé." Entendo também o alcance da palavra da escritora Nélida Piñon, ao preparar a Academia Brasileira de Letras para receber centenas de crianças que iriam prestar as últimas homenagens a Darcy Ribeiro: "Elas precisam sofrer o impacto da grandeza de um Brasil maior e não de um Brasil mesquinho."

Darcy foi brasileiro integral, brasileiro global, porque soube encarnar na sua vida, expressando nas idéias e vivendo no modo de ser e de agir o valor universal do homem brasileiro.

Darcy sorria sempre, até na doença. Ontem, ao vê-lo imóvel, sem vida, o Governador do Distrito Federal, Cristovam Buarque, desabafou: "É a primeira vez que eu vejo o Darcy sem estar com o sorriso no rosto."

Darcy sabia ser diferente, sabia ser ilustre, sabia ser pequeno como um simples desconhecido enfurnado nas entradas de nossa, ainda majestosa, floresta. Era querido, era questionador, era espontâneo, era delirante. Tinha o delírio do poeta que não se conforma com a mesquinhez nem com a renúncia a ser autenticamente homem do Brasil, nem com a submissão a desejos, planos, programas e ações alienígenas. Posicionava-se. Discutia. Provocava. Projetava. Sonhava. Cultivava a utopia como referencial, como ideal, como horizonte criador de sonhos e projetos. Sonhos e projetos de ser, de crescer como homem e como povo.

**O Sr. José Agripino Maia** – Senador Carlos Wilson, V. Ex<sup>a</sup> permite-me um aparte?

**O SR. CARLOS WILSON** – Com muito prazer, concedo o aparte ao Senador José Agripino Maia.

**O Sr. José Agripino Maia** – Sr. Presidente, Srs e Srs. Senadores, a minha cadeira é vizinha à que o Senador Darcy Ribeiro ocupou enquanto vivo. Com ele convivi dois anos. Foi uma convivência doce e afável. Sempre respeitei Darcy Ribeiro, que conheci quando governei meu Estado. Homem com a vida pública limpa, profícua; homem que experimentou sofrimentos e alegrias na vida; homem de grandes realizações pessoais; homem público a toda prova, de espírito público, que sentia a dor do dinheiro do povo; homem afável, que não demonstrava ser o homem importante que sempre foi. Ele permitia que as pessoas ficassem próximas dele. Não estabelecia distância para quem convivia com ele, o que prova a magnanimidade de sua personalidade. Foi um homem de cultura, um homem que dedicou sua vida à educação. Assisti aqui ao seu lado, no ano passado, à aprovação da LDB e pude ver sua alegria. Darcy criou a UnB e idealizou os CIEPs, a maior demonstração da história recente de apreço do homem público pela criança pobre, premiada com a melhor escola, com o melhor prédio físico. Mas era o homem das minorias. Esta é uma sessão de homenagem. Penso que todos nós devemos evoluir da palavra para a atitude na homenagem e há uma forma de fazê-lo. Estive presente, numa sexta-feira pela manhã, final de convocação, a um encontro por ele convocado para expor seu Projeto Caboclo. Mais ou menos 15 Senadores estavam presentes ao encontro. Darcy Ribeiro dizia, até em tom de

gracejo, que aquelas presenças eram manifestação do prestígio do câncer. Rebati: não era prestígio do câncer; era prestígio do autor da idéia, do homem que tinha autoridade para convocar pessoas, porque elas iriam ouvir boas idéias de um homem sério e consequente. Ele expôs o Projeto Caboclo sob a forma de projeto elaborado. O projeto é de Darcy Ribeiro, mas por que não prestarmos uma última homenagem a ele, adotando o Senado da República, como seu, o Projeto Caboclo? Pela sua vida pública, que não o desonrou em nenhum momento, por que não merecer de seus Pares – após sua morte – apoio a esse projeto? Por que não ser o Projeto Caboclo mais que um projeto de Darcy Ribeiro para as minorias? Por que não ser ele um projeto do Senado Federal para o amazônida? Eu, que fui vizinho de Darcy durante dois anos, não poderia deixar de manifestar, neste modesto aparte, esta minha homenagem pessoal, este desabafo e esta proposta de fazermos do Projeto Caboclo algo maior que o sonhado por ele: um projeto de seus Pares, um projeto do Senado da República? Muito obrigado.

**O SR. CARLOS WILSON** – Sou eu que agradeço, Senador José Agripino. O testemunho de V. Ex<sup>a</sup> é da maior importância.

Presidente Antonio Carlos Magalhães, lembro bem que, ao conversar conosco, V. Ex<sup>a</sup> dizia-nos que o Senador Darcy Ribeiro pediu a V. Ex<sup>a</sup> que ajudasse a implantar o Projeto Caboclo que, indiscutivelmente, era o que mais o entusiasmava naquele momento.

Darcy Ribeiro foi um homem de muitos ideais, de realizações e muitos futuros. O tempo não lhe era limite. E Carlos Drummond de Andrade sintetizou, esplendidamente, essa característica:

"Darcy é um monstro de entusiasmo que nenhum golpe feroz arrefece. Sete Quedas acabou, mas Darcy é o cara mais Sete Quedas que eu conheço. Darcy, caudal da vida."

Ninguém podia sintetizar melhor Darcy Ribeiro do que Carlos Drummond de Andrade. Darcy colava graça na vida. Era homem de esperança, esperança que ele soube colocar no lugar certo: no lugar onde ele estava, no nosso Brasil.

**O SR. PRESIDENTE** (Antonio Carlos Magalhães) – Concedo a palavra ao Senador Eduardo Suplicy.

**O SR. EDUARDO SUPLYC** (PT-SP. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Senador Antonio Carlos Magalhães, Srs e Srs. Senadores, acabo de chegar do velório na Academia Brasileira de Letras, onde milhares de

brasileiros estão se despedindo de Darcy Ribeiro. Neste instante, Leonardo Boff, um dos maiores teólogos deste século, está encorajando a alma de Darcy Ribeiro. É bem verdade que Darcy, conforme salientou o Senador Lauro Campos, não acreditava que pudesse haver outra vida, mas tanto respeitava aqueles que tinham fé que pediu que Leonardo Boff estivesse hoje na cerimônia de despedida.

Com Darcy Ribeiro, aprendemos extraordinariamente. Quando aqui falava, da tribuna do Senado, era unânime a atenção com que todos nós ouvíamos suas palavras. Elas encerravam o extraordinário conhecimento de uma pessoa apaixonada por conhecer aquilo que de mais importante havia para o povo brasileiro. Poucos, como ele, estudaram em profundidade a natureza de todos aqueles que formam a nossa brasiliade.

Foi conviver com os índios, esteve com os negros e como poucos percebeu a importância da miscigenação de europeus com os negros, com os índios, com os orientais, com os amarelos, com os brancos, com os vermelhos. Enfim, com todas as pessoas que compõem o conjunto de brasileiros, em verdade, temos a possibilidade de construir a civilização dos trópicos que, na visão de Darcy Ribeiro, poderá ser tão ou mais importante que a civilização romana de há dois mil anos.

Darcy Ribeiro, a cada dia, mostrava sua permanente indignação diante das iniquidades e das injustiças. Sabia, por outro lado, ser solidário com os meninos de rua, como demonstrou no seu belo artigo publicado na **Folha de S.Paulo** na última segunda-feira, quando disse que, se morasse numa favela, gostaria de ser um menino de rua, para poder ver os carros modernos que circulam no Rio de Janeiro, as vitrines com as coisas maravilhosas, a extraordinária riqueza humana e as possibilidades infinidáveis de sobrevivência, de alegrias e de tristezas, que nas ruas do Rio, de São Paulo, da grande cidade, se pode encontrar. Mas advertia, ao mesmo tempo, da necessidade de se aprovar rapidamente no Congresso Nacional o seu projeto, que está agora na Câmara dos Deputados, que torna obrigatória a colocação de um ingrediente com cheiro repulsivo na cola de sapateiro, para que nenhuma criança esteja com ela se intoxicando.

Darcy Ribeiro foi solidário com os sem-terra. Num dos seus mais importantes pronunciamentos, no ano passado, qualificou o Movimento dos Sem-terra como o mais importante movimento social da história do Brasil. Sabia alertar, conamar o seu amigo Presidente Fernando Henrique Cardoso e to-

dos os membros do Congresso Nacional para a necessidade premente de se realizar a reforma agrária com muito maior rapidez do que até agora vem o Governo realizando.

Conclamou também o Presidente Fernando Henrique Cardoso a tomar mais cuidado com a privatização, sobretudo da Companhia Vale do Rio Doce. Alertou para o processo, que parece inexorável, de perda, por parte do Governo brasileiro, do controle de patrimônio tão importante que é a Companhia Vale do Rio Doce.

O Presidente Fernando Henrique Cardoso, ao homenagear o seu amigo, poderia estar refletindo sobre as recomendações fraternas e carinhosas que sabia Darcy Ribeiro fazer.

Darcy Ribeiro, nesse último empenho, falou de sua grande utopia. Não como se fosse algo irrealizável, porque, aos 74 anos, acumulou muita experiência, obteve vitórias extraordinárias, mas viu, sobretudo quando participava do Governo João Goulart, este País sob as trevas de um regime ditatorial, de um regime militar, que o levou ao exílio. Ele tinha imaginado até uma reação mais forte do que a que seu amigo, o Presidente João Goulart, promoveu diante da conspiração, diante da derrubada daquele governo do qual foi Chefe da Casa Civil.

Um colega de governo, o então Ministro Evaristo de Moraes, dizia-me hoje de manhã, no velório, que se preocupava um pouco com o fato de Darcy Ribeiro e o Ministro Raul Ryf estarem permanentemente falando coisas que de alguma forma levavam o Governo a uma certa instabilidade. Era a permanente vontade de fazer as coisas funcionarem, de transformar as coisas. Aquilo incomodava muitos, incomodava os poderosos, que não quiseram aceitar a reforma agrária, hoje responsável por iniquidade tão grave, que faz com que o Governo Fernando Henrique Cardoso, querendo ou não, tenha que se preocupar com isso muito mais do que a composição de forças de seu Governo gostaria de fazê-lo.

Darcy Ribeiro, sobretudo neste Projeto Caboclo, mostrou sua experiência, mostrou seu ideal, a possibilidade de caminharmos para aquilo que era a sua anteviâo, de os brasileiros poderem construir uma grande civilização nos trópicos no terceiro milênio.

E qual é a base desta nova civilização? São as formas de organização social, baseadas não no egoísmo, não no interesse próprio, mas na solidariedade. Por essa razão e conhecendo de perto como vivem os caboclos, como vivem os índios, é que ele propôs formas cooperativas de grupos, de famílias se organizarem na floresta amazônica, seguindo os

ensinamentos de Chico Mendes, aproveitando as riquezas da floresta – a caça, a pesca, os minérios, as águas, as frutas e tantas coisas que ali existem –, mas sobretudo preservando a floresta, aproveitando a sua riqueza sem destrui-la.

O legado de Darcy Ribeiro é imenso, extraordinário. Feliz a juventude brasileira que puder apreciar, ler seus livros. Assim como Darcy Ribeiro sabia amar tanto o ser humano, sabia amar as mulheres, sabia, como disseram os companheiros, transformar a vida deste Senado, porque ele fazia com que todos os dias a vida valesse a pena. Era o grande professor, o Reitor da Universidade de Brasília, seu criador, criador de outra universidade fluminense, criador dos Cieps, criador do Sambódromo, que também transformou em escolas, que sabia seguir a lição e recomendar aos seus alunos que vale muito a pena vivermos todos os dias intensamente.

Darcy Ribeiro amou o Brasil com extraordinária intensidade e deixou-nos extraordinário legado. Um grande abraço ao amigo fraterno.

Registro, Sr. Presidente, que, neste instante, estão acompanhando o seu enterro a Senadora Benedita da Silva e os Senadores Sebastião Rocha, Carlos Patrocínio e Artur da Távola, que também gostariam de estar homenageando-o nesta sessão especial.

Sr. Presidente, Darcy Ribeiro deixa para o Brasil um extraordinário presente. Vamos sempre nos lembrar com alegria do seu sorriso e da sua extraordinária colaboração.

**O SR. PRESIDENTE** (Antonio Carlos Magalhães) – Com a palavra o Senador Leomar Quintanilha.

**O SR. LEOMAR QUINTANILHA** (PPB-TO) Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sr's e Srs. Senadores, em meu nome e em nome da brava gente tocantinense, a quem tenho a honra de representar nesta Casa, gostaria de associar o nosso sentimento de pesar pela inestimável perda deste cidadão do mundo, deste patriota insuperável, deste colega extraordinário que foi o Senador Darcy Ribeiro. Homem de inteligência privilegiada, cuja história e cujo trabalho ao longo da vida já foram aqui discorridos com muita propriedade por aqueles que tiveram o privilégio de conviver com ele nesse período fértil e rico da sua vida em que, na sua larga e ampla visão, com a sua extraordinária sensibilidade, sempre encontrou uma forma de se preocupar com todos os problemas que angustiavam e que ainda angustiam o povo brasileiro. E não só se preocupar, mas de buscar e dar a muitos dos problemas soluções definitivas que vi-

riam a corrigir as mais diversas formas de injustiça que vemos impingidas ao nosso povo. Preocupou-se com os povos indígenas, com o meio ambiente e, particularmente, com a educação, onde deixou um legado extraordinário, um patrimônio para o povo brasileiro de valor imensurável.

Eu gostaria de citar a minha pobre observação do esforço, do denodo, do trabalho e do caráter dessa figura exemplar que foi o Senador Darcy Ribeiro. Ele tinha a dimensão exata, o conhecimento total e completo de que, aos homens determinados, aos homens que fazem a História, aos homens que constroem, um insumo por demais importante não poderia ser desperdiçado, pelo seu significado e pela sua irrecuperabilidade, que era o tempo. Darcy Ribeiro, o cidadão brasileiro, o cidadão do mundo, realmente não perdia tempo; aproveitava-o muito bem nos diversos desafios que enfrentou, inclusive e principalmente nesse último, quando a doença grave de que foi acometido buscava, a todo o instante, roubar-lhe as forças, a inteligência, o raciocínio, a extraordinária contribuição que ele dava a este País e ao povo brasileiro. Ainda assim, a doença, terrível e aguda, que o manteve inerte em seu leito, não conseguiu conter a sua verve, sua inteligência, seu pensamento febricitante, sua fábrica de sonhos e idéias extraordinárias que acabaram por construir esse grande legado que deixa a esta Casa, ao povo brasileiro e a todos aqueles que, no País e fora deste, tiveram a oportunidade de com ele conviver e de conhecê-lo bem.

Registro, pois, o sentimento profundo da gente tocantinense, que se associa à brava gente brasileira neste momento de pesar por essa grande perda.

**O SR. PRESIDENTE** (Antonio Carlos Magalhães) – Concedo a palavra ao nobre Senador Gilvam Borges.

**O SR. GILVAM BORGES** (PMDB-AP) Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sr's e Srs. Senadores, não poderia deixar de participar desta homenagem póstuma ao companheiro Darcy Ribeiro, mesmo sabendo, de antemão, que nenhuma homenagem será bastante para fazer-lhe justiça.

Nem sequer seu nome esteve à altura de seus feitos: não cabia nas estreitas margens de um simples Ribeiro um entusiasmo cívico de amplidão oceânica.

Assim, antes de uma homenagem, que tantos nesta Casa e fora dela saberão prestar-lhe com mais propriedade, quero apenas e brevemente consignar aqui meu lamento e juntar-me a dor de tantos brasileiros, inclusive de meu Estado – Amapá – pela perda de um autêntico grande homem.

Homem de notório e multifário talento, Darcy foi um mestre em tudo o que fez, seja como educador, seja como parlamentar, seja como administrador, seja como homem de ciência ou de letras.

Tinha de ser magistral quem teve o magistério por vocação e destino, o País por escola e a cidadania como única disciplina.

Foi, sobretudo, um professor de cidadania.

Intelectual orgânico, ninguém como ele soube juntar a teoria à ação, só pensando e formulando em cada momento, na exata medida do seu sentimento da necessidade de intervenção concreta na realidade social e política.

Toda sua energia e força criadoras estavam a serviço de, não somente pensar o Brasil, mas, acima de tudo, de transformá-lo.

Muito da idéia de Brasil que temos hoje devemos ao gênio de gente da estirpe intelectual de Darcy, Caio Prado Júnior, Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre e outros poucos, que ousaram construir modelos explicativos da realidade nacional a partir de nossas especificidades e não pela aplicação mecânica e simplista de esquemas e soluções importadas.

Darcy foi, portanto, na sua simplicidade generosa e brincalhona, além de um sábio, um dos pais fundadores do Brasil, da nacionalidade brasileira, pelo menos, no sentido da imagem de Nação de que dispomos para pensar e, como ele, transformar.

De toda a sua obra teórica e empírica, o mais notável legado de Darcy, foi, na minha opinião, a experiência realizada no Rio de Janeiro da construção dos Centros Integrados de Educação Pública, os escolões, conhecidos como Cieps.

Ali, ele nos dá a maior lição prática de cidadania, ao propor para a infância miserável do Rio de Janeiro, uma escola nova, bonita, grande, confortável, de tempo integral, com assistência médica e dentária, comida de boa qualidade, quadras de esportes e até piscina.

Mais do que um juízo sobre a eficiência pedagógica dessa proposta, que tanta polêmica suscitou, o novo que emerge desta revolucionária idéia é o seu efeito político-ideológico, é o poder que tem de acordar nos seus destinatários – a população despossuída e abandonada pelo poder público – a consciência de cidadania.

Os Cieps tiveram, durante o curto período em que puderam florescer, o condão de mostrar aos excluídos uma possibilidade de inclusão concreta na sociedade, através da ação estatal, através de uma política pública promotora de integração social, ca-

paz de, por si só, revelar a quem só conhece a omisão e a violência policial do poder público, uma outra face do Estado, a de aliado, a de ente da mesma natureza que a sua, no seio do qual é possível realizar-se a utopia iluminista da igualdade por meio da lei.

Este o grande ovo de Colombo dos Cieps: ensinar igualdade e cidadania aos proscritos sociais, com a linguagem da ação prática de governo, única acessível a quem se encontra no nível mais baixo da sobrevivência física e, portanto, sem precisar recorrer a doutrinações dogmáticas e à retórica vazia, tão presentes no nosso meio político, inclusive de esquerda.

Este o Darcy Ribeiro imortalizado em vida pela sua obra, credor de nossa admiração e respeito como combatente infatigável da utopia da igualdade, numa sociedade crivada das mais revoltantes desigualdades, filha legítima da escravidão e do colonialismo, tantas vezes denunciados por ele.

Darcy não teve filhos; se em dívida ficou com a espécie, saldou-a com sobras com o gênero humano e com sua gente em sua obra civilizatória; foi criador de vida cultural e humanística, se não de vida biológica.

Não precisava de descendência e sim de seguidores este notável patriota, que se não deixou prole, deixou muitos milhões de órfãos, comovidos pela sua perda, mas, certamente, dispostos a dar continuidade a seus compromissos, e serem, assim, dignos de seu exemplo e sua memória.

Era o que tinha a dizer.

**O SR. PRESIDENTE** (Antonio Carlos Magalhães) – Concedo a palavra ao nobre Senador Ney Suassuna.

**O SR. NEY SUASSUNA** (PMDB-PB Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sr<sup>as</sup> e Srs. Senadores,

1 – O povo brasileiro acaba de perder uma de suas personalidades mais ilustres, um brasileiro orgulhoso de sua condição. Lutava contra o câncer há mais de vinte anos e pereceu de forma gloriosa, em plena atividade. Pleno de vida mesmo no paroxo torturante da doença, Darcy Ribeiro, o seu nome, ou como o chamou, fazendo trocadilho em momento de rara inspiração, o jornalista Arnaldo Jabor, Darcy Brasileiro ou Brasil Ribeiro.

2 – Natural de Montes Claros, no Estado de Minas Gerais, em uma das regiões mais pobres do País, quem poderia jamais imaginar que iria granjear a projeção conquistada e o reconhecimento de que se tornou merecedor um filho daquele recanto de Brasil que um dia já mereceu o atributo de lugar esquecido por Deus.

3 – Aliás, nada melhor do que uma contradição inicial – a pobreza do cenário regional onde nasceu – em contraponto à riqueza de idéias, ao transbordamento criativo, à inquietação e ao incorrompimento de sua alma fértil. A trajetória de Darcy tem como marco referencial essa contradição.

4 – Darcy foi o analista arguto das contradições brasileiras sem, contudo, perder a esperança no "homem cordial". A ser menino de favela, preferia ser menino de rua, afirmou recentemente. A sua alegria movia os sonhos, cutucava a realidade mas não lhe tolhia a ação transformadora. Pelo contrário, antes a estimulava e o fazia "imorrível" como se tivesse realizado o sonho de Ponce de León e dispusesse no bolso do colete doelixir da longa vida e da fonte da eterna juventude.

5 – Foi muito triste receber a notícia de que, aos 74 anos, morreu ontem, de câncer generalizado, como diriam os jornais, essa figura ímpar na história contemporânea brasileira.

6 – Deixou, porém, uma obra inigualável de intelectual e de homem público. Antropólogo, educador, romancista e membro da Academia Brasileira de Letras, reconhecido internacionalmente por suas idéias relacionadas à educação.

7 – Permanente usina de idéias inovadoras, idealizou a Universidade de Brasília de onde foi o primeiro Reitor e da qual dizia ser a sua "filha dileta ainda que temporariamente caída na prostituição", numa referência indignada e, ao mesmo tempo, irreverente, como ele próprio o era, aos duros tempos de ocupação do governo militar.

8 – Foi Vice-Governador do Rio de Janeiro, eleito com o Governador Leonel Brizola, em 1982, durante cuja gestão foram implantados os Cieps, idéia que o governo federal encampou posteriormente nos Ciacs e Caics a partir de 1990.

9 – Darcy Ribeiro era incansável, mas, acima de tudo generoso. A sua generosidade intelectual e humana se traduzia no prazer de compartilhar os sonhos e na chama de paixão que sempre o moveu na luta por um Brasil melhor para os brasileiros.

10 – Impressionava a sua disposição para agir, para trabalhar, a sua vontade de viver, de gozar as experiências que o mundo lhe oferecia, de compartilhar idéias e conhecimentos com as pessoas ao seu redor.

11 -Foi o que se viu até os últimos momentos, quando, a poucos dias do fim, fez questão de vir ao Senado Federal participar da eleição da Mesa Diretora para o segundo período da quinquagésima legislatura.

12 – Darcy Ribeiro enganou a morte mais de uma vez. Em 1974, por causa de um câncer, teve o retorno autorizado pelo regime militar, pois vivia no exílio e, após retirar o pulmão afetado, ironizou, como era de seu feitio: "Eles imaginaram que eu voltaria para morrer!"

13 – Em 1994, internado devido ao surgimento de câncer na próstata, fugiu do hospital, dizendo que só fica na UTI quem está querendo morrer. Disse, ainda, que pediu ao médico para lhe dar alta e, como tivesse recebido uma recusa, resolveu fugir.

14 – Eleito para a Academia Brasileira de Letras, o que o deve ter deixado deveras lisonjeado, pois se confessava muito vaidoso: "Eu sou realmente vaidoso. Tenho mesmo uma tendência a desprezar os modestos, porque acredito que a modéstia é uma atitude dos medíocres, daqueles que estão contentes consigo mesmo e com o mundo", Darcy levou para lá o seu charme irresistível.

15 – Uma de suas últimas e mais importantes vitórias foi a aprovação recente da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação, da qual foi relator, modificando inteiramente o teor com que foi aprovada pela Câmara dos Deputados, um compromisso que levou a sério e cujo resultado certamente lhe proporcionou o prazer da missão cumprida.

16 – Ainda em sua última fase de doença, após a descoberta do câncer de próstata e a fuga para Maricá, temos a publicação de sua obra que também vai tornar-se referência para o entendimento de nossa nacionalidade, obra que leva o título de "O Povo Brasileiro" e que havia iniciado trinta anos antes.

17 – Sr. Presidente, Sr's e Srs. Senadores, o Brasil perde, com a morte do Senador Darcy Ribeiro, uma de suas figuras mais brilhantes nos últimos tempos, pode-se dizer que junto com ele se vai uma preciosa parte do charme intelectual que resiste, tenacemente, abaixo da linha do Equador.

Muito Obrigado.

**O SR. PRESIDENTE** (Antonio Carlos Magalhães)

– Concedo a palavra ao nobre Senador Mauro Miranda.

**O SR. MAURO MIRANDA** (PMDB-GO. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.)

– Sr. Presidente, Sr's e Srs. Senadores, na irreverência de sua riquíssima crônica mundana, o escritor Nelson Rodrigues costumava repetir que toda unanimidade é burra. Pois aqui estamos nós, nesta sessão especial que reverencia a memória do grande companheiro Darcy Ribeiro, mostrando o contrário. Darcy Ribeiro foi daqueles homens raros que encarnam e expressam a unanimidade de um povo, de

um país e de várias gerações. Foi a unanimidade inteligente e a unanimidade das inteligências.

Grandioso como homem público que voava na ousadia dos grandes sonhos, nunca deixou de ser antes de tudo o amante da vida no jeito mais simples do homem comum. Sua personalidade multifacetada reunia as porções do menino-moleque que cresceu em Montes Claros, do intelectual festejado, do planejador e executor de grandezas, do político amplamente definido em torno das causas sociais, do educador sem fronteiras e do antropólogo idealista.

Nestas poucas palavras, é impossível definir o rico universo da personalidade de Darcy Ribeiro. Neste tempo escasso de convivência de pouco mais de dois anos, eu o definiria como um retrato ampliado da alma brasileira mais pura e menos sensível a retoques. Sua conversa cativante era direta, crua, inteligente e nua de artifícios, para refletir o jeito de ser de que não abria mão. Seu raciocínio penetrante e incisivo passeava entre a ironia fina, a observação erudita e o palavrão. Assim, ele era ao mesmo tempo muito de povo e muito de intelectual, e fazia questão de imprimir esse estilo, por ser diferente e por ser despaginado dos figurinos clássicos da arrogância.

Guardo para mim este grande exemplo de homem que lutou pelos semelhantes, que simplificou os entendimentos clássicos da vida e que soube espalhar alegria por todos os caminhos que percorreu.

Era o que tinha a dizer. Muito obrigado.

**O SR. PRESIDENTE** (Antonio Carlos Magalhães) – Concedo a palavra ao nobre Senador Sérgio Machado.

**O SR. SÉRGIO MACHADO** (PSDB-CE. Pronuncia o seguinte discurso. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Sr's e Srs. Senadores, esta Casa se reúne, hoje, para prestar uma merecida homenagem ao nosso colega Darcy Ribeiro.

Homem que exerceu diversas funções públicas neste País e que, com o seu espírito reformador e questionador, deixou sua marca registrada em todas elas, já que encarava como desafios ao seu espírito empreendedor e à sua inesgotável criatividade tudo quanto fosse considerado impossível pela maioria.

Poderíamos passar horas e horas enumerando as realizações deste brasileiro ímpar. Entretanto, o que mais se registra em nossa mente enquanto olhamos para aquela cadeira vazia é o Darcy Guerreiro. Herança, talvez, da sua estreita relação com os índios.

Estará sempre vivo em nossa memória aquele Darcy que, mesmo tendo à morte como sua sombra,

diariamente nos dava lições de o quanto é importante viver. Viver intensamente e lutar pela vida, mesmo que, como no seu caso, enfrentando um mal que ainda não foi debelado pela Ciência.

O Senador Darcy Ribeiro merece todos os nossos elogios e recebeu-os pessoalmente neste Plenário no dia 08 de fevereiro de 1996, quando do encerramento da votação da LDB.

Naquela oportunidade, o Senador Jader Barbalho, referendado por todos os membros desta Casa, registrou que nos sentíamos profundamente honrados de participar desta legislatura como colegas do Senador Darcy Ribeiro. Ressaltou, ainda, que não só o Senado lhe devia por sua participação no processo de elaboração legislativa da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, mas o Brasil deve ao colega Darcy aquela lei esperada por décadas.

**Darcy Ribeiro é imortal!**

Imortal, não porque a Academia Brasileira de Letras emprestou-lhe este título, mas porque a Academia reconheceu que ele já estava imortalizado pela sua obra.

Imortal, não porque foi o fundador da Universidade de Brasília, mas sim porque teve a coragem de referir-se à sua mais dileta obra como uma filha prostituída pela mesquinhez de homens que comandaram o Brasil num período obscuro de nossa história. Manifestação de indignação paterna.

Darcy Ribeiro é imortal, sobretudo, pela herança que recebeu daqueles a quem chamou de nossos ancestrais viventes, quando se transformou em guerreiro e, com isso, forjou a sua personalidade com a marca indelével dos que lutam para tornar seus sonhos realidade.

A sua passagem para um outro plano, driblada com garra e maestria em diversas ocasiões, desde quando voltou do exílio para "morrer em casa", em 1974, foi implacável na tarde da segunda-feira, 17 de fevereiro de 1997. Mas este é o destino de todos os seres viventes da face da terra.

Partiu Darcy Ribeiro. Não teremos mais o privilégio de conviver com eles nos salões desta Casa. Mas um homem com uma obra da dimensão da obra de Darcy Ribeiro não morrerá jamais, pois os seus sinais vitais serão sentidos no campo da antropologia, no campo da política, na crítica voraz e fundamentada, na defesa incansável de suas idéias, nas recordações das suas muitas mulheres.

Darcy Ribeiro estará vivo, sobretudo, na memória de todas as pessoas que, como nós, tiveram o privilégio de com ele conviver e aprender que o pra-

zer de viver está em enfrentar com coragem os obstáculos que o destino coloca em nosso caminho.

Gostaria de encerrar essas palavras citando Darcy Ribeiro.

Ainda naquela sessão de votação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, logo após a Ordem do Dia, o Senador Darcy Ribeiro pede a palavra, relata o esforço dispendido na elaboração legislativa da LDB, ressalta a Grandeza do Parlamento e, com a sinceridade de sempre, finaliza:

"Muito obrigado por tudo que foi dito com relação a minha pessoa, e sou sensível a isso. Não só me gosto de elogios, porém o que mais me agrada é ver reconhecido o meu esforço; sou como a minha rainha que está rindo de mim, pois nós dois ficamos muito encantados e muito agradecidos quando ouvimos expressões que poem ser injustas, diga quem quiser, mas adorei ver que vocês gostam de mim."

Nós realmente gostamos muito do Darcy!

*Poucos amaram tanto este País como ele!*

Poucos acreditaram tanto nesta terra e no seu povo!

Muito obrigado!

**O SR. PRESIDENTE** (Antonio Carlos Magalhães) – Srs. Senadores, exatamente há quarenta e oito horas, o Senado da República e o Brasil tomavam conhecimento do falecimento do Senador Darcy Ribeiro. De logo, como era do nosso dever, tomamos as providências para que ele fosse velado nesta Casa, que é dele e do povo, do País, e recebesse as manifestações de apreço que mereceu pela grande vida que legou ao Brasil.

Nós, Senadores, pelos mais legítimos representantes, desde o dia de ontem até hoje, a começar pelo Senador Josaphat Marinho e todas as representações políticas que hoje aqui se manifestaram, todos tributaram as homenagens que Darcy bem merecia e, mais do que isso, que era do nosso dever, como ainda é do nosso dever, prestar.

Quero salientar que a figura de Darcy Ribeiro representava um emblema. Era uma pessoa que hoje no País não tinha sequer contestadores. Apesar de ideologias ou de partidos políticos, a Nação inteira respeitava a figura de Darcy Ribeiro. Isso sentimos ontem, estamos sentindo hoje e vamos sentir dias afora em virtude da personalidade marcante desse nosso querido colega. Seja como etnólogo, seja como educador, seja como político ou antropólogo, Darcy Ribeiro sempre tinha a marca do seu caráter, o que o fazia diferente de qualquer pessoa existente no Brasil hoje.

Discípulo fiel de Anísio Teixeira, ele pôde realizar no campo educacional mais até do que foi possível ao seu mestre. Aí estão marcantes na escola pública os traços da figura de Darcy Ribeiro; aí está a Universidade de Brasília, que, com Anísio Teixeira, ele criou; aí estão projetos diversos. Ainda há pouco, votamos no Senado e no Congresso Nacional, principalmente devido ao seu trabalho, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Tudo isso – e muito mais – a Nação deve a Darcy Ribeiro.

Por isso, nós Senadores, seus Colegas e amigos, temos o dever de honrar a sua memória: honrar com o trabalho, honrar com a dedicação, aproveitando os homens inteligentes do País que o povo nos oferece e que, muitas vezes, não têm oportunidade por causa de um sistema mais ou menos fechado, que não deixa que figuras brilhantes como Darcy Ribeiro possam surgir.

Nesses últimos dias da sua vida, tivemos um contato bem interessante com a figura de Darcy Ribeiro, que, com grande entusiasmo, falava de alguns projetos que nos foram apresentados. Dentre esses, pedia-me que patrocinasse, com os Senadores da Amazônia, o Projeto Caboclo. Reuni Senadores para ouvi-lo, e ele, cada vez mais brilhante, era cada vez mais convincente.

Quem lê o seu projeto, vê a exeqüibilidade do mesmo e se sente inteiramente possuído do desejo de realizá-lo. Esse é um projeto que esta Casa vai adotar, essa é uma maneira que encontro, e que a Casa vai encontrar, de homenagear ainda uma vez Darcy Ribeiro.

Quero dizer aos Srs. Senadores que não devo me alongar, tais e tantos têm sido os pronunciamentos nesta Casa e, sobretudo, fora dela a respeito da figura de Darcy Ribeiro, todos unâmes em reconhecê-lo como homem invulgar e, talvez, uma das figuras mais importantes da nossa contemporaneidade no setor educacional ou da Antropologia.

Por isso, quero dizer aos Senhores, em meu nome, em nome do próprio Senado e, diria, em nome do povo brasileiro, que tem aqui uma casa sua autêntica, que neste instante todos nós choramos, sem dúvida, a sua perda, mas vamos honrar a sua memória com o nosso trabalho, com a nossa dedicação, e, sobretudo, realizando aquilo que ele desejava e que não chegou a realizar.

**O SR. PRESIDENTE** (Antonio Carlos Magalhães)

– Nada mais havendo a tratar, a Presidência vai encerrar os trabalhos, designando para a sessão deliberativa ordinária de amanhã, a se realizar às 14h30min, a seguinte

## ORDEM DO DIA

- 1 -

## PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 110, DE 1994

Votação, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 110, de 1994 (nº 1.339/91, na Casa de origem), que concede adicional de periculosidade aos carteiros, alterando o art. 193 da Consolidação das Leis do Trabalho, tendo

Pareceres favoráveis, sob nºs 260, de 1994, e 614, de 1996, das Comissões

- de Assuntos Sociais; e
- de Constituição, Justiça e Cidadania (nos termos do Requerimento nº 742/95, de audiência)

- 2 -

## PROJETO DE LEI DO SENADO Nº 195, DE 1995

(Incluído em Ordem do Dia nos termos do Recurso nº 12, de 1995)

Votação, em turno único, do Projeto de Lei do Senado nº 195, de 1995, de autoria do Senador José Eduardo Dutra, que concede anistia de multas combinadas pelo Tribunal Superior do Trabalho a entidades sindicais em virtude de sentença judicial, tendo

- Parecer sob nº 828, de 1995, da Comissão
- de Constituição, Justiça e Cidadania, favorável ao Projeto, nos termos de substitutivo que oferece.

- 3 -

## PROJETO DE LEI DO SENADO Nº 196, DE 1995

(Incluído em Ordem do Dia nos termos do Recurso nº 13, de 1995)

Votação, em turno único, do Projeto de Lei do Senado nº 196, de 1995, de autoria do Senador José Eduardo Dutra, que concede anistia a dirigentes ou representantes sindicais e trabalhadores punidos por participação em movimento reivindicatório, tendo

- Parecer sob nº 829, de 1995, da Comissão
- de Constituição, Justiça e Cidadania, favorável ao Projeto, nos termos de substitutivo que oferece.

- 4 -

## REQUERIMENTO Nº 1.057, DE 1996

Votação, em turno único, do Requerimento nº 1.057, de 1996, do Senador Roberto Freire, solicitando, nos termos do art. 172, inciso I, do Regimento Interno, a inclusão em Ordem do Dia do Projeto de Lei do Senado nº 86, de 1995, de sua autoria, que dispõe sobre incentivos à instalação de empresas fabricantes de veículos, partes, peças e componentes automotivos nas regiões economicamente desfavorecidas que especifica.

- 5 -

## REQUERIMENTO Nº 1.175, DE 1996

Votação, em turno único, do Requerimento nº 1.175, de 1996, do Senador Ney Suassuna, solicitando, nos termos regimentais, a retirada, em caráter definitivo, do Projeto de Lei do Senado nº 283, de 1995, de sua autoria, que revoga o inciso VI do art. 3º da Lei nº 7.256, de 27 de novembro de 1984, que estabelece normas integrantes do Estatuto da Micro-empresa, relativas ao tratamento diferenciado, simplificado e favorecido, nos campos administrativo, tributário, previdenciário, trabalhista, creditício e de desenvolvimento empresarial.

- 6 -

## REQUERIMENTO Nº 1.187, DE 1996

Votação, em turno único, do Requerimento nº 1.187, de 1996, do Senador José Ignacio Ferreira, solicitando, nos termos regimentais, a retirada, em caráter definitivo, da Proposta de Emenda à Constituição nº 48, de 1995, de sua autoria e de outros senhores Senadores, que altera dispositivos da Constituição Federal.

- 7 -

## REQUERIMENTO Nº 1.192, DE 1996

Votação, em turno único, do Requerimento nº 1.192, de 1996, da Senadora Marina Silva, solicitando, nos termos regimentais, que, sobre o Projeto de Lei da Câmara nº 86, de 1996 (nº 1.536/96, na Casa de origem), que altera o § 1º do art. 39 da Lei nº 8.935, de 18 de novembro de 1994, que regulamenta o art. 236 da Constituição Federal, dispondo sobre os serviços notariais e de registro, além da Comissão constante do despacho inicial de distribuição, seja ouvida também a de Assuntos Sociais.

- 8 -

## PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 11, DE 1993

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 11, de 1993 (nº 3.053/84, na Casa de origem), que dispõe sobre a publicação de nomes e fotografias de vítimas de crimes contra os costumes, tendo

Pareceres sob nºs 95 e 467, de 1995, e 694, de 1996, da Comissão

- de Constituição, Justiça e Cidadania: 1º pronunciamento (sobre o Projeto): favorável; 2º pronunciamento (sobre a emenda oferecida perante a Mesa): favorável; 3º pronunciamento (em virtude do Requerimento nº 1.097, de 1995, de reexame): favorável com emenda nº 2-CCJ, que apresenta.

- 9 -

**PROJETO DE LEI DA CÂMARA Nº 59, DE 1994**  
 (Incluído em Ordem do Dia nos termos  
 do Recurso nº 5, de 1995)

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei da Câmara nº 59, de 1994 (nº 3.123/92, na Casa de origem), que dispõe sobre o prazo de publicação, pela Secretaria da Receita Federal, dos modelos de Declaração do Imposto de Renda, tendo

Pareceres sob nºs 487 e 488, de 1995; 671 e 672, de 1996, das Comissões:

– de Constituição, Justiça e Cidadania: **1º pronunciamento** (sobre o Projeto), e **2º pronunciamento** (sobre as emendas oferecidas perante a Mesa): pela constitucionalidade, juridicidade e regimentalidade e por audiência da Comissão de Assuntos Econômicos, quanto ao mérito; e

– de Assuntos Econômicos: **1º pronunciamento** (sobre o Projeto): pela rejeição, com voto vencido, em separado, do Senador Lauro Campos; **2º pronunciamento** (sobre as emendas oferecidas perante a Mesa): favorável ao Projeto e às emendas nºs 1 e 2, e pela aprovação das emendas nºs 3 a 6, com subemendas que oferece, vencido o Senador Lauro Campos.

- 10 -

**PROJETO DE LEI DO SENADO Nº 258, DE 1995**  
 (Incluído em Ordem do Dia nos termos  
 do art. 172, I, do Regimento Interno)

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei do Senado nº 258, de 1995, de autoria do Senador Lauro Campos, que cria área de livre comércio em Brasília, Distrito Federal, tendo

Parecer proferido em Plenário, em substituição à Comissão de Assuntos Econômicos, Relator: Senador Valmir Campelo, favorável com emenda que apresenta.

**O SR. PRESIDENTE** (Antonio Carlos Magalhães)  
 – Está encerrada a presente sessão.

*(Levanta-se a sessão às 19 horas.)*

**ATO DO PRESIDENTE Nº 17, DE 1997**

O Presidente do Senado Federal, no uso das competências regulamentares que lhe foram atribuídas, resolve exonerar, a partir desta data, do cargo de provimento em comissão de Assessor, do Quadro de Pessoal do Senado Federal, os servidores a seguir relacionados: João Orlando Barbosa Gonçalves; Raimundo Nonato Freitas; José Tarcísio Saborça Holanda; Célia de Nadai Silva Sardenberg; Teresinha Maria Simon E. de Souza; João de Medeiros

Calmon; José Gilton Pinto Garcia; Maria Vandira Peixoto F. da Rocha; Maria Lúcia da Silva Pires; Silvio Leite Campos; Circe Cunha de Andrade; José Carlos da Rocha; Luiz Francisco Terra Júnior; Sarah Abrahão; Newton Araújo Silva; Jorge Nova da Costa; José de Ribamar Duarte Mourão; Acrílio Pereira de Sá; e Lídice Coelho da Cunha C. Pereira.

Senado Federal, 17 de fevereiro de 1997. – Senador **Antonio Carlos Magalhães**, Presidente.

**ATO DO DIRETOR-GERAL Nº 118, DE 1997**

O Diretor-Geral do Senado Federal, no uso da atribuição que lhe foi conferida pelo artigo 7º, § 2º, da Resolução nº 42, de 1993, e tendo em vista o que consta do processo nº 001.933/97-3, resolve exonerar **VÂNIA LINS UCHÔA LOPES**, matrícula nº 5345, do cargo, em comissão, de Secretário Parlamentar, do Gabinete do Senador Renan Calheiros, a partir de 5 de fevereiro de 1997.

Senado Federal, 19 de fevereiro de 1997. – **Agaciel da Silva Maia**, Diretor-Geral.

**ATO DO DIRETOR-GERAL Nº 119, DE 1997**

O Diretor-Geral do Senado Federal, no uso da competência que lhe foi delegada pelo Ato da Comissão Diretora nº 12, de 31 de agosto de 1995, e tendo em vista o que consta do Processo nº 002.142/97-0, resolve alterar o Ato nº 32, de 1991, que aposentou a servidora **MARIA VALERIANO DE MORAIS**, Analista Legislativo, Nível III, Padrão 45, para integralizar os proventos de aposentadoria, substituindo do fundamento legal a alínea c, do inciso III do artigo 40 da Constituição da República Federativa do Brasil pela alínea a do mesmo inciso; bem como para substituir as vantagens da Resolução SF nº 21/80 pelas previstas na Resolução SF nº 74/94 c/c o Ato do Diretor-Geral nº 148/94, com a transformação determinada pela Medida Provisória nº 1480/27/97, de 15-2-97, observado o disposto no artigo 37, inciso XI, da Constituição Federal.

Senado Federal, 19 de fevereiro de 1997. – **Agaciel da Silva Maia**, Diretor-Geral.

**ATO DO DIRETOR-GERAL Nº 120, DE 1997**

O Diretor-Geral do Senado Federal, no uso da competência que lhe foi delegada pelo Ato da Comissão Diretora nº 12, de 31 de agosto de 1995, e tendo em vista o que consta do Processo nº 001.800/97-3, resolve aposentar, voluntariamente, **ALFREDO CALZA**, Técnico Legislativo, Área 6, Especialidade Artesanato, Nível II, Padrão 30, do Quadro de Pessoal do Senado Federal, nos termos do artigo 40, inciso III, alínea d, da Constituição da Re-

pública Federativa do Brasil, combinado com os artigos 186, inciso III, alínea d, e 67 da Lei nº 8.112, de 1990; bem assim com as vantagens previstas no artigo 34, § 2º, da Resolução SF nº 42, de 1993, nos artigos 1º, 3º e 12 da Resolução SF nº 74, de 1994, e Ato do Diretor-Geral nº 148/94, com a transformação determinada pela Medida Provisória nº 1480/26/97, publicada em 18-1-97, com proventos proporcionais, observado o disposto no artigo 37, inciso XI, da Constituição Federal.

Senado Federal, 19 de fevereiro de 1997. – **Agaciel da Silva Maia**, Diretor-Geral.

#### ATO DO DIRETOR-GERAL Nº 121, DE 1997

O Diretor-Geral do Senado Federal, no uso da atribuição que lhe foi conferida pelo art. 7º, § 2º, da Resolução nº 42, de 1993, e tendo em vista o que consta do Processo nº 002.175/97-5, resolve exonerar CELSO IVAN SEIDEIFUS, matrícula nº 6176, do cargo, em comissão, de Secretário Parlamentar do Gabinete do Senador Esperidião Amin, a partir de 7 de fevereiro de 1997.

Senado Federal, 19 de fevereiro de 1997. – **Agaciel da Silva Maia**, Diretor-Geral.

#### ATO DO DIRETOR-GERAL Nº 122, DE 1997

O Diretor-Geral do Senado Federal, no uso da atribuição que lhe foi conferida pelo art. 7º, § 2º, da Resolução nº 42, de 1993, e de acordo com o que consta do Processo nº 001.742/97-3, resolve alterar a lotação da servidora TÂNIA MARA BRUNO DE ABREU, matrícula nº 6062, ocupante do cargo, em comissão, de Secretário Parlamentar da Primeira Secretaria, nomeada pelo Ato do Diretor-Geral nº 149, de 1995, passando a ter exercício no Gabinete do Senador Odacir Soares.

Senado Federal, 19 de fevereiro de 1997. – **Agaciel da Silva Maia**, Diretor-Geral.

#### ATO DO DIRETOR-GERAL Nº 123, DE 1997

O Diretor-Geral do Senado Federal, no uso da atribuição que lhe foi conferida pelo art. 7º, § 2º, da Resolução nº 42, de 1993, resolve nomear, na forma do disposto no inciso II do art. 9º da Lei nº 8.112, de 1990, LUCIANA TEIXEIRA GALLERANI, para exercer o cargo, em comissão, de Secretário Parlamentar, do Quadro de Pessoal do Senado Federal, com lotação e exercício no Gabinete do Senador Antonio Carlos Magalhães.

Senado Federal, 19 de fevereiro de 1997. – **Agaciel da Silva Maia**, Diretor-Geral.

#### ATO DO DIRETOR-GERAL Nº 124, DE 1997

O Diretor-Geral do Senado Federal, no uso da competência estabelecida pelo parágrafo único do art. 320 do Regulamento Administrativo, com a redação dada pela Resolução nº 9, de 1997, resolve delegar competência ao titular da Secretaria Administrativa para:

I – Verificar, para fins de posse, se foram satisfeitas as exigências legais e regulamentares para a investidura;

II – Dar posse aos servidores do Senado Federal;

III – Autorizar os afastamentos previstos nos art. 97 e 98 da Lei nº 8.112, de 1990, e as licenças para tratamento de saúde, paternidade, à (ao) adotante, repouso à gestante, motivo de doença em pessoa da família, prêmio por assiduidade, e para capacitação, observadas as normas legais e regulamentares;

IV – Determinar a publicação de atos administrativos no **Diário do Congresso Nacional** e no **Boletim Administrativo do Pessoal**;

V – Autorizar a concessão dos adicionais de insalubridade, periculosidade ou atividades penosas;

VI – Assinar folhas de pagamento;

VII – Conceder férias regulamentares;

VIII – Conceder Salário-Família e Auxílio-Funeral;

IX – Averbar tempo de serviço;

X – Expedir certidões funcionais.

Senado Federal, 19 de fevereiro de 1997. – **Agaciel da Silva Maia**, Diretor-Geral.

#### ATO DO DIRETOR-GERAL Nº 125, DE 1997

O Diretor-Geral do Senado Federal, no uso da atribuição que lhe foi conferida pelo art. 7º, § 2º, da Resolução nº 42, de 1993, e tendo em vista o que consta do Processo nº 002.382/97-0, resolve nomear, na forma do disposto no inciso II do art. 9º da Lei nº 8.112, de 1990, LUCIENE FERNANDES DUTRA para exercer o cargo, em comissão, de Secretário Parlamentar, do Quadro de Pessoal do Senado Federal, com lotação e exercício no Gabinete da Primeira Secretaria.

Senado Federal, 19 de fevereiro de 1997. – **Agaciel da Silva Maia**, Diretor-Geral.

#### ATO DO DIRETOR-GERAL Nº 126, DE 1997

O Diretor-Geral do Senado Federal, no uso da atribuição que lhe foi conferida pelo art. 7º, § 2º, da Resolução nº 42, de 1993, e tendo em vista o que consta do Processo nº 001.741/97-7, resolve exonerar CRISTIANE SADECK SOARES RODRIGUES, matrícula nº 5405, do cargo, em comissão, de Secretário Parlamentar, do Gabinete do Senador Odacir Soares, a partir de 5 de fevereiro de 1997.

Senado Federal, 19 de fevereiro de 1997. – **Agaciel da Silva Maia**, Diretor-Geral.

**ATO DO DIRETOR-GERAL Nº 127, DE 1997**

O Diretor-Geral do Senado Federal, no uso da atribuição que lhe foi conferida pelo art. 7º, § 2º, da Resolução nº 42, de 1993, resolve nomear, na forma do disposto no inciso II do art. 9º da Lei nº 8.112, de 1990, FRANZ EDUARDO CASTELO BRANCO LEAL, para exercer o cargo, em comissão, de Assessor Técnico, do Quadro de Pessoal do Senado Federal, com lotação e exercício no Gabinete da Quarta Secretaria.

Senado Federal, 19 de fevereiro de 1997. –  
**Agaciel da Silva Maia**, Diretor-Geral.

**ATO DO DIRETOR DA SECRETARIA  
ADMINISTRATIVA Nº 1, DE 1997**

A Diretora da Secretaria Administrativa, no uso de suas atribuições regulamentares, resolve subdelegar ao titular da Subsecretaria de Administração de Pessoal as competências de que trata o Ato do Diretor-Geral nº 124, de 1997.

Senado Federal, 19 de fevereiro de 1997. –  
**Paula Cunha Canto de Miranda**, Diretora da Secretaria Administrativa.

<b>MESA</b>	
<b>Presidente</b>	Antonio Carlos Magalhães – PFL – BA
<b>1º Vice-Presidente</b>	Geraldo Melo – PSDB – RN
<b>2º Vice-Presidente</b>	Júnia Marise – Bloco – MG
<b>1º Secretário</b>	Ronaldo Cunha Lima – PMDB – PB
<b>2º Secretário</b>	Carlos Patrocínio – PFL – TO
<b>3º Secretário</b>	Flaviano Melo – PMDB – AC
<b>4º Secretário</b>	Lucídio Portella – PPB – PI
<b>Suplentes de Secretário</b>	
1º – Emilia Fernandes – PTB – RS	
2º – Lúdio Coelho – PSDB – MS	
3º – Joel de Hollanda – PFL – PE	
4º – Marluce Pinto – PMDB – RR	
<b>CORREGEDORIA PARLAMENTAR</b>	
<b>Corregedor</b> (Eleito em 16-3-95)	
Romeu Tuma – PFL – SP	
<b>Corregedores – Substitutos</b> (Eleitos em 16-3-95)	
1º Senador Ramez Tebet – PMDB – MS	
2º Senador Joel de Hollanda – PFL – PE	
3º Senador Lúcio Alcântara – PSDB – CE	

<b>PROCURADORIA PARLAMENTAR</b>	
(Designação: 16 e 23-11-95)	
Nabor Júnior – PMDB – AC	
Waldeck Ornelas – PFL – BA	
Emilia Fernandes – PTB – RS	
José Ignácio Ferreira – PSDB – ES	
Lauro Campos – Bloco – DF	
<b>LIDERANÇA DO GOVERNO</b>	
<b>Líder</b>	Elcio Alvares – PFL – ES
<b>Vice-Líderes</b>	José Roberto Arruda – PSDB – DF
	Vilson Kleinübing – PFL – SC
	Ramez Tebet – PMDB – MS
<b>LIDERANÇA DO PFL</b>	
<b>Líder</b>	Hugo Napoleão
<b>Vice-Líderes</b>	Edison Lobão
	Francelino Pereira
	Joel de Holanda
	Romero Jucá
<b>LIDERANÇA DO PMDB</b>	
<b>Líder</b>	Jáder Barbalho
<b>Vice-Líderes</b>	Nabor Júnior
	Gerson Camata
	Carlos Bezerra
	Ney Suassuna
	Gilvam Borges
	Fernando Bezerra

<b>LIDERANÇA DO PSDB</b>	
<b>Líder</b>	Sérgio Machado
<b>Vice-Líderes</b>	José Ignácio Ferreira
	Lúdio Coelho
<b>LIDERANÇA DO BLOCO DE OPOSIÇÃO</b>	
<b>Líder</b>	José Eduardo Dutra
<b>LIDERANÇA DO PPB</b>	
<b>Líder</b>	Epitacio Cafeteira
<b>Vice-Líderes</b>	Leomar Quintanilha
	Esperidião Amin
<b>LIDERANÇA DO PTB</b>	
<b>Líder</b>	Valmir Campelo

**CONSELHO DE ÉTICA E DECORO PARLAMENTAR**  
(Eleito em 19-4-95)

**Presidente:** Casildo Maldaner – PMDB – SC

**Vice-Presidente:** José Alves – PFL – SE

(Eleitos em 28-2-96)

**Titulares**

**Suplentes**

**PMDB**

1. Casildo Maldaner
2. Ramez Tebet
3. Nabor Júnior
4. Ney Suassuna

1. Onofre Quinan
2. Gerson Camata
3. Flaviano Melo
4. Coutinho Jorge

**PFL**

1. Elcio Alves
2. Francelino Pereira
3. Waldeck Ornelas
4. José Alves

1. José Agripino
2. Carlos Patrocínio
3. Vilson Kleinübing
4. José Bianco

**PSDB**

1. Lúcio Alcântara
2. (vago)

1. Jefferson Peres
2. José Ignácio Ferreira

**PPB (ex-PPR + ex-PP)**

1. Epitácio Cafeteira
2. Osmar Dias (PSDB)

1. Lucídio Portella
2. Antônio Carlos Valadares (PSB)

**PTB**

1. Emilia Fernandes

1. Arlindo Porto

**PP**

1. Osmar Dias

1. Antônio Carlos Valadares

**PT**

1. Marina Silva

1. Lauro Campos

**PDT**

1. Darcy Ribeiro

1. Sebastião Rocha

**Membro Nato**  
Romeu Tuma (Corregedor)



SENADO FEDERAL  
SECRETARIA LEGISLATIVA

**SUBSECRETARIA DE COMISSÕES**

Diretora: SÔNIA DE ANDRADE PEIXOTO  
Ramais: 3490 - 3491 Fax: 1095

**SERVIÇO DE COMISSÕES ESPECIAIS E DE INQUÉRITO**

Chefe: LUIZ CLÁUDIO DE BRITO  
Ramais: 3511 - 3514 Fax: 3606

Secretários: ADRIANA TAVARES SOBRAL (Ramal: 4252)  
FRANCISCO NAURIDES BARROS (Ramal: 3508)  
MARCOS SANTOS PARENTE FILHO (Ramal: 3623)  
MARTA HELENA PINTO F. PARENTE (Ramal: 3501)

**SERVIÇO DE COMISSÕES MISTAS**

Chefe: JOSÉ ROBERTO ASSUMPÇÃO CRUZ  
Ramais: 3507 - 3520 Fax: 3512

Secretários: EDNALDO MAGALHÃES SIQUEIRA (Ramal: 3520)  
IVANILDE PEREIRA DIAS (Ramal: 3503)  
JOAQUIM BALDOÍNO DE B. NETO (Ramal: 4256)  
MARIA DE FÁTIMA M. DE OLIVEIRA (Ramal: 4256)  
SÉRGIO DA FONSECA BRAGA (Ramal: 3502)  
WILL DE MOURA WANDERLEY (Ramal: 3509)

**SERVIÇO DE COMISSÕES PERMANENTES**

Chefe: FRANCISCO GUILHERME THEES RIBEIRO  
Ramais: 4638 - 3492 Fax: 4573

Secretários: ANTONIO CARLOS P. FONSECA (Ramal: 4604)  
CELSO ANTONY PARENTE (Ramal: 4607)  
DIRCEU VIEIRA MACHADO FILHO (Ramal: 4605)  
IZAIAS FARIA DE ABREU (Ramal: 3935)  
PAULO ROBERTO A. CAMPOS (Ramal: 3496)  
RAIMUNDO FRANCO DINIZ (Ramal: 4608)  
VERA LÚCIA LACERDA NUNES (Ramal: 4609)

## COMISSÕES PERMANENTES

### **COMISSÃO DE ASSUNTOS ECONÔMICOS - CAE**

PRESIDENTE: VAGO  
VICE-PRESIDENTE: VAGO  
(27 TITULARES E 27 SUPLENTES)

TITULARES		SUPLENTES	
<b>PMDB</b>			
GILVAN BORGES	AP-2151/52	1-MARLUCE PINTO	RR-1101/1201
FERNANDO BEZERRA	RN-2461/67	2- MAURO MIRANDA	GO-2091/92
NEY SUASSUNA	PB-1145/1245	3-ROBERTO REQUIÃO	PR-2401/07
ONOFRE QUINAN	GO-3148/49	4-RONALDO CUNHA LIMA	PB-2421/22
CARLOS BEZERRA	MT-2291/92	5-PEDRO SIMON	RS-3230/31
JADER BARBALHO	PA-3051/53	6-CASILDO Maldaner	SC-2141/42
RAMEZ TEBET	MS-2221/22	7-GERSON CAMATA	ES-3203/04
JOSÉ FOGAÇA	RS-3077/78	8-VAGO	
<b>PFL</b>			
FRANCELINO PEREIRA	MG-2411/12	1-JOEL DE HOLLANDA	PE-3197/98
VILSON KLEINÜBING	SC-2041/42	2-JOSAPHAT MARINHO	BA-3173/74
GILBERTO MIRANDA	AM-3104/05	3-WALDECK ORNELAS	BA-2211/12
FRANCISCO ESCÓRCIO	MA-3069/70	4-JONAS PINHEIRO	MT-2271/72
FREITAS NETO	PI-2131/32	5-JOSÉ BIANCO	RO-2231/32
JOÃO ROCHA	TO-4070/71	6-ELCIO ALVARES	ES-3130/31
CARLOS PATROCÍNIO	TO-4068/69	7-ANTONIO CARLOS MAGALHÃES	BA-2191/97
<b>PSDB</b>			
BENI VERAS	CE-3242/43	1-LÚDIO COELHO	MS-2381/82
JEFFERSON PERES	AM-2061/62	2-SÉRGIO MACHADO	CE-2281/82
JOSÉ SERRA	SP-2351/52	3-LÚCIO ALCÂNTARA	CE-2301/02
GERALDO MELO	RN-2371/72	4-JOSÉ ROBERTO ARRUDA	DF-2011/12
OSMAR DIAS	PR-2121/22	5-COUTINHO JORGE	PA-3050/4393
<b>PPB</b>			
ESPIRIDIÃO AMIN	SC-4206/07	1-EPITÁCIO CAFETEIRA	MA-4073/74
LEOMAR QUINTANILHA	TO-2071/72	2-LUCÍDIO PORTELLA	PI-3055/56
<b>PT</b>			
LAURO CAMPOS	DF-2341/42	1- JOSÉ EDUARDO DUTRA	SE-2391/92
EDUARDO SUPLICY	SP-3213/15	2- VAGO	
<b>PTB</b>			
VALMIR CAMPELO	DF-1046/1146	1-JOSÉ EDUARDO A. VIEIRA	PR-4059/60
<b>PDT</b>			
JÚNIA MARISE	MG-4751/52	1-SEBASTIÃO ROCHA	AP-2244/46
<b>PSB</b>			
ADEMIR ANDRADE	PA-2101/02	1-ANTONIO C. VALADARES	SE-2201/04

REUNIÕES: TERÇAS-FEIRAS ÀS 10:00 HS.  
SECRETÁRIO: DIRCEU VIEIRA MACHADO FILHO  
TELEFONES DA SECRETARIA: 311-3516/4605

SALA N° 19 - ALA SEN. ALEXANDRE COSTA  
TEL. DA SALA DE REUNIÃO: 311-3255  
FAX: 311-4344

**COMISSÃO DE ASSUNTOS SOCIAIS - CAS**

PRESIDENTE: SENADOR BENI VERAS  
 VICE-PRESIDENTE: SENADOR CARLOS WILSON  
 (29 TITULARES E 29 SUPLENTES)

TITULARES	SUPLENTES
<b>PMDB</b>	
CARLOS BEZERRA	MT- 2291/97
GILVAN BORGES	AP-2151/57
JOÃO FRANÇA	RR-3067/68
CASILDO MALDANER	SC-2141/47
RONALDO CUNHA LIMA	PB-2421/27
MAURO MIRANDA	GO-2091/97
MARLUCE PINTO	RR-1101/1201
VAGO	
VAGO	
<b>PFL</b>	
ROMERO JUCÁ	RR-2111/17
JONAS PINHEIRO	MT-2271/77
ANTONIO CARLOS MAGALHÃES	BA-2411/12
JOSÉ ALVES	SE-4055/57
FRANCISCO ESCÓRCIO	MA-3069/72
WALDECK ORNELAS	BA-2211/17
EDISON LOBÃO	MA-2311/17
VAGO	
<b>PSDB</b>	
BENI VERAS	CE-3242/43
LÚCIO ALCÂNTARA	CE-2301/07
CARLOS WILSON	PE-2451/57
OSMAR DIAS	PR-2121/22
COUTINHO JORGE	PA-3050/4393
<b>PPB</b>	
LUCÍDIO PORTELLA	PI-3055/57
LEOMAR QUINTANILHA	TO-2071/77
<b>PT</b>	
MARINA SILVA	AC-2181/87
BENEDITA DA SILVA	RJ-2171/77
<b>PTB</b>	
VALMIR CAMPELO	DF-1248/1348
<b>PDT</b>	
DARCY RIBEIRO	RJ-4229/31
<b>PSB</b>	
ANTONIO C. VALADARES	SE-2201/04

OBS: De acordo com a nova proporcionalidade partidária ainda se faz necessária a seguinte alteração:

1 - PMDB: falta indicar 1 titular e 1 suplente

REUNIÕES: QUARTAS-FEIRAS ÀS 14:00 HS.  
 SECRETÁRIO: RAYMUNDO FRANCO DINIZ  
 FONES DA SECRETARIA: 311- 4608/3515

SALA N° 09 - ALA SEN. ALEXANDRE COSTA  
 TEL. DA SALA DE REUNIÃO: 311-3359  
 FAX: 311-3652

**COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO, JUSTIÇA E CIDADANIA - CCJ**

PRESIDENTE: SENADOR IRIS REZENDE  
 VICE-PRESIDENTE: SENADOR LÚCIO ALCÂNTARA  
 (23 TITULARES E 23 SUPLENTES)

**TITULARES**

**SUPLENTES**

**PMDB**

IRIS REZENDE	G0-2031/37	1- VAGO	
RONALDO CUNHA LIMA	PB-2421/27	2-PEDRO SIMON	RS-3230/32
ROBERTO REQUIÃO	PR-2401/07	3-GILVAN BORGES	AP-2151/57
JOSÉ FOGAÇA	RS-3077/78	4-CARLOS BEZERRA	MT-2291/97
RAMEZ TEBET	MS-2221/27	5-GILBERTO MIRANDA	AM-3104/06
JADER BARBALHO	PA-3051/53	6-CASILDO MALDANER	SC-2141/47
NEY SUASSUNA	PB-4345/46	7-VAGO	

**PFL**

GUILHERME PALMEIRA	AL-3245/47	1-ELCIO ALVARES	ES-3130/32
EDISON LOBÃO	MA-2311/17	2-CARLOS PATROCÍNIO	TO-4068/69
JOSÉ BIANCO	RO-2231/37	3-ANTÔNIO CARLOS MAGALHÃES	BA-2191/97
BERNARDO CABRAL	AM-2081/87	4-HUGO NAPOLEÃO	PI-4478/80
FRANCELINO PEREIRA	MG-2411/17	5-JOSÉ AGRIPINO	RN-2361/67
JOSAPHAT MARINHO	BA-3173/74	6-FREITAS NETO	PI-2131/37

**PSDB**

JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA	ES-2021/27	1-SÉRGIO MACHADO	CE-2284/87
LÚCIO ALCÂNTARA	CE-2301/07	2-ARTUR DA TÁVOLA	RJ-2431/36
JEFFERSON PERES	AM-2061/67	3-JOSÉ SERRA	SP-2351/52
BENI VERAS	CE-3242/43	4-VAGO	

**PPB**

ESPIRIDIÃO AMIN	SC-4206/07	1-EPITÁCIO CAFETEIRA	MA-4073/74
-----------------	------------	----------------------	------------

**PT**

JOSÉ EDUARDO DUTRA	SE-2391/97	1-BENEDITA DA SILVA	RJ-2171/77
--------------------	------------	---------------------	------------

**PTB**

REGINA ASSUMPÇÃO	MG-2321/27	1-JOSÉ EDUADRO A. VIEIRA	PR-4059/60
------------------	------------	--------------------------	------------

**PDT**

DARCY RIBEIRO	RJ-4229/30	1-JÚNIA MARISE	MG-4751/52
---------------	------------	----------------	------------

**PSB**

ANTONIO C. VALADARES	SE-2201/04	1-ADEMIR ANDRADE	PA-2101/02
----------------------	------------	------------------	------------

**PPS / PSL**

ROBERTO FREIRE	PE-2161/67	1- VAGO	
ROMEU TUMA	* I	SP-2051/57	

\*1 - Os Senadores ROBERTO FREIRE e ROMEU TUMA indicaram-se para a mesma vaga, conforme Of. 105/96-SF/GSRFRE e o Of. 099/96-GSTR

OBS: De acordo com a nova proporcionalidade partidária ainda se faz necessária a seguinte alteração:

1 - PMDB: falta indicar 1 suplente

REUNIÕES: QUARTAS-FEIRAS ÀS 10:00 HS.  
 SECRETÁRIA: VERA LÚCIA LACERDA NUNES  
 TELEFONES DA SECRETARIA: 311-3972/4612

SALA N° 03 - ALA SEN. ALEXANDRE COSTA  
 TEL. DA SALA DE REUNIÃO: 311-3541  
 FAX: 311- 4315

**COMISSÃO DE EDUCAÇÃO - CE**  
 PRESIDENTE: SENADOR ROBERTO REQUIÃO  
 VICE-PRESIDENTE: SENADORA EMÍLIA FERNANDES  
 (27 TITULARES E 27 SUPLENTES)

TITULARES	SUPLENTES
<b>PMDB</b>	
JOSÉ FOGAÇA	RS-3077/78
IRIS REZENDE	GO-2031/32
ROBERTO REQUIÃO	PR-2401/02
GERSON CAMATA	ES-3203/04
JADER BARBALHO	PA-2441/42
JOÃO FRANÇA	RR-3067/68
MARLUCE PINTO	RR-1101/1201
VAGO	8-VAGO
<b>PFL</b>	
JOÃO ROCHA	TO-4070/71
WALDECK ORNELAS	BA-2211/12
HUGO NAPOLEÃO	PI-4478/80
JOEL DE HOLLANDA	PE-3197/98
JOSÉ BIANCO	RO-2231/32
ELCIO ALVARES	ES-3130/32
JONAS PINHEIRO	MT-2271/77
<b>PSDB</b>	
ARTHUR DA TÁVOLA	RJ-2431/32
CARLOS WILSON	PE-2451/57
SÉRGIO MACHADO	CE-2281/82
JOSÉ ROBERTO ARRUDA	DF-2011/12
COUTINHO JORGE	PA-3050/4393
<b>PPB</b>	
EPITÁCIO CAFETEIRA	MA-4073/74
LUCÍDIO PORTELLA	PI-3055/56
<b>PT</b>	
MARINA SILVA	AC-2181/82
LAURO CAMPOS	DF-2341/42
<b>PTB</b>	
EMÍLIA FERNANDES	RS-2331/32
<b>PDT</b>	
DARCY RIBEIRO	RJ-4229/30
<b>PSB</b>	
VAGO	1-VAGO

\*1 - ROBERTO FREIRE (PPS) - vaga cedida pelo PT

OBS: De acordo com a nova proporcionalidade partidária ainda se fazem necessárias as seguintes alterações:

- 1 - PMDB: falta indicar 1 titular e 1 suplente
- 2 - PSB: falta indicar 1 titular e 1 suplente

REUNIÕES: QUINTAS-FEIRAS ÀS 14:00 HS.  
 SECRETÁRIO: ANTÔNIO CARLOS P. FONSECA  
 TELEFONES DA SECRETARIA: 311-3498/4604

SALA N° 15 - ALA SEN. ALEXANDRE COSTA  
 TEL. DA SALA DE REUNIÃO: 311-3276  
 FAX: 311-3121

**COMISSÃO DE FISCALIZAÇÃO E CONTROLE - CFC**

PRESIDENTE: SENADOR EDISON LOBÃO

VICE-PRESIDENTE: SENADOR ANTÔNIO CARLOS VALADARES  
(17 TITULARES E 09 SUPLENTES)**TITULARES****SUPLENTES****PMDB**

RAMEZ TEBET	MS-2222/23	1-GILVAN BORGES	AP-2151/52
GILBERTO MIRANDA	AM-3104/05	2-ROBERTO REQUIÃO	PR-2401/02
FLAVIANO MELO	AC-3493/94	3-VAGO	
HUMBERTO LUCENA	PB-3139/40		
JADER BARBALHO	PA-2441/42		

**PFL**

JOSAPHAT MARINHO	BA-3173/74	1-JOÃO ROCHA	TO-4070/71
CARLOS PATROCÍNIO	TO-4068/69	2-FRANCELINO PEREIRA	MG-2411/12
JOSÉ ALVES	SE-4055/56		
EDISON LOBÃO	MA-2311/12		

**PSDB**

CARLOS WILSON	PE-2451/52	1-JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA	ES-2021/22
SÉRGIO MACHADO	CE-2281/85		
COUTINHO JORGE	PA-3050/4393		

**PPB**

EPITÁCIO CAFETEIRA	MA-4073/74	1-LEOMAR QUINTANILHA	TO-2071/72
--------------------	------------	----------------------	------------

**PT**

EDUARDO SUPLICY	SP-3215/16	1-LAURO CAMPOS	DF-2341/42
-----------------	------------	----------------	------------

**PTB**

JOSÉ EDUARDO A. VIEIRA	PR-4059/60	1-VALMIR CAMPELO	DF-12/1348
------------------------	------------	------------------	------------

**PDT**

DARCY RIBEIRO	RJ-4229/30		
---------------	------------	--	--

**PSB / PPS**

ANTONIO C. VALADARES	SE-2201/04		
----------------------	------------	--	--

OBS: De acordo com a nova proporcionalidade partidária ainda se faz necessária a seguinte alteração:

1 - PMDB: falta indicar 1 suplente

REUNIÕES: QUINTAS-FEIRAS ÀS 10:30 HORAS  
SECRETÁRIO: IZAIAS FARIA DE ABREU  
TELEFONES DA SECRETARIA: 3935 / 3519

SALA N° 06 ALA SENADOR NILO COELHO  
TEL. SALA DE REUNIÃO: 311-3254  
FAX: 311-1060

**COMISSÃO DE SERVIÇOS DE INFRA-ESTRUTURA - CI**

PRESIDENTE: SENADOR JOSÉ AGRIPINO MAIA  
 VICE-PRESIDENTE: SENADORA REGINA ASSUMPÇÃO  
 (23 TITULARES E 23 SUPLENTES)

TITULARES	SUPLENTES
<b>PMDB</b>	
NABOR JUNIOR	AC-1478/1378
MAURO MIRANDA	GO-2091/2097
ONOFRE QUINAN	GO-3148/3150
GERSON CAMATA	ES-3203/ 3204
FERNANDO BEZERRA	RN-2461/2467
MARLUCE PINTO	RR-1101/1201
VAGO	
<b>PFL</b>	
FREITAS NETO	PI-2131/2132
JOSÉ AGRIPINO	RN-2361/2367
ROMERO JUCÁ	RR-2111/2117
VILSON KLEINUBING	SC-2041/2047
ELCIO ALVARES	ES-3130/3132
JOEL HOLLANDA	PE-3197/3199
<b>PSDB</b>	
JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA	ES-2021/2027
LÚDIO COELHO	MS-2381/2387
JOSÉ ROBERTO ARRUDA	DF-2011/2012
VAGO	
<b>PPB</b>	
LUCÍDIO PORTELLA	PI-3055/3057
<b>PDT</b>	
SEBASTIÃO ROCHA	AP-2241/2247
<b>PTB</b>	
REGINA ASSUMPÇÃO	MG-2321/2321
<b>PT</b>	
JOSE EDUARDO DUTRA	SE-2391/2397
<b>PSB</b>	
ADEMIR ANDRADE	PA-2101/2107
<b>PPS / PSL</b>	
ROBERTO FREIRE	PE-2161/2162
	1-ROBERTO REQUIÃO
	2-NEY SUASSUNA
	3-VAGO
	4-GILBERTO MIRANDA
	5-CARLOS BEZERRA
	6-VAGO
	7-VAGO
	1-CARLOS PATROCÍNIO
	2-JOSAPHAT MARINHO
	3-JONAS PINHEIRO
	4-GUILHERME PALMEIRA
	5-WALDECK ORNELAS
	6-JOSÉ ALVES
	1-GERALDO MELO
	2-CARLOS WILSON
	3-COUTINHO JORGE
	4-OSMAR DIAS
	1-LEOMAR QUINTANILHA
	1-DARCY RIBEIRO
	1-JOSÉ EDUARDO A. VIEIRA
	1-MARINA SILVA
	1-VAGO
	1-ROMEU TUMA

OBS: De acordo com a nova proporcionalidade partidária ainda se fazem necessárias as seguintes alterações:

1 - PMDB: falta indicar 1 titular e 1 suplente

REUNIÕES: TERÇAS-FEIRAS ÀS 14:00 HS.  
 SECRETÁRIO: CELSO PARENTE  
 TEL. DA SECRETARIA: 311-4354/4607

SALA N° 13 - ALA SEN. ALEXANDRE COSTA  
 TEL. DA SALA DE REUNIÃO: 311- 3292 (FAX)  
 FAX: 311-3286

**COMISSÃO DE RELAÇÕES EXTERIORES E DEFESA NACIONAL - CRE**

PRESIDENTE: SENADOR ANTONIO CARLOS MAGALHÃES

VICE-PRESIDENTE: SENADOR BERNARDO CABRAL

(19 TITULARES E 19 SUPLENTES)

## TITULARES

## SUPLENTES

**PMDB**

RAMEZ TEBET	MS-2222/23	1-MARLUCE PINTO	RR-1101/4062
FLAVIANO MELO	AC-3493/94	2-FERNANDO BEZERRA	RN-2461/67
CASILDO MALDANER	SC-2141/47	3-RONALDO CUNHA LIMA	PB-2421/27
PEDRO SIMON	RS-3230/31	4-GERSON CAMATA	ES-3203/04
HUMBERTO LUCENA	PB-3139/41	5-IRIS REZENDE	GO-2031/37
ROMEU TUMA *1	SP-2051/57	6-RAMEZ TEBET	MS-2221/22

**PFL**

GUILHERME PALMEIRA	AL-3245/47	1-JOEL DE HOLLANDA	PE-3197/99
ANTONIO CARLOS MAGALHÃES	BA-2191/97	2-FRANCISCO ESCÓRCIO	MA-3069/72
HUGO NAPOLEÃO	PI-3085/86	3-JOÃO ROCHA	TO-4071/72
JOSÉ AGRIPINO	RN-2361/67	4-JOSÉ ALVES	SE-4055/57
BERNARDO CABRAL	AM-2081/87	5-VILSON KLEINÜBING	SC-2041/47

**PSDB**

GERALDO MELO	RN-2371/77	1-JOSÉ IGNÁCIO FERREIRA	ES-2021/27
ARTUR DA TÁVOLA	RJ-2431/36	2-CARLOS WILSON	PE-2451/57
LÚDIO COELHO	MS-2381/87	3-JOSÉ SERRA	SP-2351/52

**PPB**

EPITÁCIO CAFETEIRA	MA-4073/74	1-LEOMAR QUINTANILHA	TO-3055/57
--------------------	------------	----------------------	------------

**PT**

BENEDITA DA SILVA	RJ-2171/77	1-MARINA SILVA	AC-2181/87
-------------------	------------	----------------	------------

**PTB**

EMÍLIA FERNANDES	RS-2331/34	1-VALMIR CAMPELO	DF-12/1348
------------------	------------	------------------	------------

**PDT**

SEBASTIÃO ROCHA	AP-2241/47	1-DARCY RIBEIRO	RJ-3188/89
-----------------	------------	-----------------	------------

**PSB / PPS**

ADEMIR ANDRADE	PA-2101/02	1-ANTONIO C. VALADARES	SE-2201/04
----------------	------------	------------------------	------------

\*1 - ROMEU TUMA (PSL) - vaga cedida pelo PMDB

OBS: De acordo com a nova proporcionalidade partidária ainda se faz necessária a seguinte alteração:

1 - PMDB: falta indicar 1 titular

REUNIÕES: QUINTAS-FEIRAS ÀS 10:00 HS.  
SECRETÁRIO: PAULO ROBERTO A. CAMPOS  
TELEFÔNOS DA SECRETARIA: 311-3259/3496SALA N° 07 - ALA SEN. ALEXANDRE COSTA  
TEL. DA SALA DE REUNIÃO: 311-3367  
FAX: 311-3546

**COMISSÃO PARLAMENTAR CONJUNTA DO MERCOSUL****(SEÇÃO BRASILEIRA)**

(Designada em 25-4-95)

**Presidente: Deputado PAULO BORNHAUSEN****Vice-Presidente: Senador CASILDO MALDANER****Secretário-Geral: Senador LÚDIO COELHO****Secretário-Geral Adjunto: Deputado ROGÉRIO SILVA****SENADORES****Titulares****Suplentes****PMDB**José Fogaça  
Casildo MaldanerMarluce Pinto<sup>1</sup>  
Roberto Requião**PFL**Vilson Kleinübing  
Romero JucáJoel de Hollanda  
Júlio Campos**PSDB**

Lúdio Coelho

Geraldo Melo

**PPB**

Esperidião Amin

**PTB**

Emilia Fernandes

Osmar Dias<sup>2</sup>**PP****PT**Benedita da Silva  
Eduardo Suplicy  
Lauro Campos**DEPUTADOS****Titulares****Bloco Parlamentar PFL/PTB**Luciano Pizzatto  
Paulo Bornhausen**PMDB**Paulo Ritzel  
Valdir Colatto**PSDB**

Franco Montoro

**PPB**Fetter Júnior<sup>3</sup><sup>4</sup>**PP**

Dilceu Sperafico

**PT**

Miguel Rossetto

**Suplentes**Antônio Ueno  
José Carlos VieiraElias Abrahão  
Rivaldo Macari

Yeda Crusius

João Pizzolatti

Augustinho Freitas

Luiz Mainardi

1 Pedro Simon substituído por Marluce Pinto, em 2-10-95.

2 Filiado ao PSDB em 22-6-95.

3. Rogério Silva substituído por Júlio Redecker, em 31-5-95

4. Júlio Redecker substituído por Fetter Júnior, em 1º-2-96

**Subsecretaria de Edições Técnicas do Senado Federal**

## **Novas publicações**

### **CANUDOS E OUTROS TEMAS (R\$ 10,00)**

Euclides da Cunha.

Edição de 1994 comemorativa dos 90 anos de publicação de *Os Sertões*.

### **CONSTITUIÇÃO DE 1988 (R\$ 5,00)**

Edição atualizada em 1995 contendo as Emendas Constitucionais e as Emendas Constitucionais de Revisão.

### **CONSTITUTION DE LA RÉPUBLIQUE FÉDÉRATIVE DU BRÉSIL / CONSTITUTION OF THE FEDERATIVE REPUBLIC OF BRAZIL (R\$ 5,00)**

Tradução para o francês de Jacques Villemain e Jean-François Cleaver (Tradutor do Senado Federal) da edição atualizada em 1994, contendo as Emendas Constitucionais e as Emendas Constitucionais de Revisão.

Tradução para o inglês de Istvan Vajda, Patrícia de Queiroz Carvalho Zimbres e Vanira Tavares de Souza, tradutores dos Senado Federal, da edição atualizada em 1994, contendo as Emendas Constitucionais e as Emendas Constitucionais de Revisão.

### **ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE (R\$ 5,00)**

Edição de 1995.

Lei nº 8.069 e as alterações da Lei nº 8.242 e Legislação Correlata.

### **GUIA DAS ELEIÇÕES DE 1994 (R\$ 3,00)**

Edição de 1994.

Comentários à Lei nº 8.713/93 e informações complementares.

### **LEGISLAÇÃO INDIGENISTA (R\$ 5,00)**

Edição de 1993.

Coletânea de textos jurídicos e legislação correlata relativos aos direitos indígenas.

### **LICITAÇÕES, CONCESSÕES E PERMISSÕES NA ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA (R\$ 5,00)**

Edição de 1995.

Leis 8.666/93, 8.883/94, 8.987/95, texto da Constituição federal sobre matéria e Legislação Complementar.

### **RELATORIA DA REVISÃO CONSTITUCIONAL (R\$ 45,00 a coleção)**

Edição de 1994.

Série com 03 volumes – Pareceres produzidos (histórico)

### **REGIME JURÍDICO DOS SERVIDORES PÚBLICOS CIVIS E LEGISLAÇÃO COMPLEMENTAR (R\$ 5,00)**

Edição de 1995.

Dispõe sobre o regime jurídico dos Servidores Públicos Civis da União, das autarquias e das fundações públicas federais e Legislação Complementar.

**Pedidos à**

**Subsecretaria de Edições Técnicas – Senado Federal. Praça dos Três Poderes, Via N-2, Unidade de Apcio III. CEP 70165-900. Brasília-DF. Telefones: (061) 311-4258 e 321-7333. Telex: (061) 1357**

# DIÁRIO DO SENADO FEDERAL

## PREÇO DE ASSINATURA

### SEMESTRAL

Assinatura s/ o porte.....	R\$ 31,00
Porte do Correio .....	<u>R\$ 96,60</u>
Assinatura c/porte	R\$ 127,60 (cada)
Valor do número avulso	R\$ 0,30

Os pedidos devem ser acompanhados de cheque pagável em Brasília, Nota de Empenho ou Ordem de Pagamento pela Caixa Econômica Federal – Agência 1386 – PAB-CEGRAF, conta corrente nº 920001-2 e/ou pelo Banco do Brasil – Agência 0452-9 – CENTRAL, conta corrente nº 55560204/4, a favor do

## CENTRO GRÁFICO DO SENADO FEDERAL

Praça dos Três Poderes – Brasília – DF  
CEP: 70160-900

Maiores informações pelos Telefones (061) 311-3738 e 311-3728 na Supervisão de Assinaturas e Distribuição de Publicações – Coordenação de Atendimento ao Usuário.



**EDIÇÃO DE HOJE: 48 PÁGINAS**